



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO INTERDISCIPLINAR
EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**

RAIMUNDO CAVALCANTE RODRIGUES

**COOPERATIVISMO: UMA ALTERNATIVA VIÁVEL PARA A
ELEVAÇÃO DA RENDA FAMILIAR NA MICRORREGIÃO
DO CARIRI ORIENTAL PARAIBANO**

Campina Grande - PB

2007

RAIMUNDO CAVALCANTE RODRIGUES

**COOPERATIVISMO: UMA ALTERNATIVA VIÁVEL PARA A
ELEVAÇÃO DA RENDA FAMILIAR NA MICRORREGIÃO
DO CARIRI ORIENTAL PARAIBANO**

Dissertação apresentada em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Sociedade, área de concentração Políticas Públicas, elaborada após integração curricular do Programa Interdisciplinar em Ciências da Sociedade, promovido pela Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof^a Dra. Aurí Donato da Costa Cunha

Campina Grande - PB

2007

R685c Rodrigues, Raimundo Cavalcante.
Cooperativismo: uma alternativa viável para a
elevação da renda familiar na microrregião do cariri
oriental paraibano. / Raimundo Cavalcante Rodrigues.—
Campina Grande: UEPB, 2007.

105f.: il.color.

Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências
da Sociedade.) –Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação: Prof^a. Dr^a. Aurí Donato da Costa
Cunha”.

1-Cooperativismo.

I-Título.

21.ed. CDD

RAIMUNDO CAVALCANTE RODRIGUES

**COOPERATIVISMO: UMA ALTERNATIVA VIÁVEL PARA A
ELEVAÇÃO DA RENDA FAMILIAR NA MICRORREGIÃO
DO CARIRI ORIENTAL PARAIBANO**

COMISSÃO EXAMINADORA

Aprovada em _____ de _____ de 2007

Profa. Aurí Donato da Costa Cunha, Doutora
(UEPB)

Prof. Lucinaldo dos Santos Rodrigues, Doutor
(UEPB)

Profa. Geralda Medeiros Nóbrega, Doutora
(UEPB)

Campina Grande – PB

2007

Dedico a meus pais José e Clotildes, pelos esforços em me guiarem no caminho certo.

A minha esposa Eulália. Aos meus filhos Gustavo, Felipe, Arthur e Caroline razão de minha vida.

As minhas noras, Kalina, Pollyana e Luciana. A minha neta Amanda, elos de uma corrente de exemplos de vida.

DEUS, senhor de toda a sabedoria.

AGRADECIMENTOS

A professora Dra. Aurí Donato da Costa Cunha, pela sua orientação e por tudo que pôde fazer para que pudesse concretizar esse sonho.

Aos meus companheiros do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba - DCSA/CFT/UFPB. Campus de Bananeiras.

Aos meus companheiros do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba.

Aos sócios fundadores da Cooperativa Agropecuária do Cariri Ltda.Coapecal, representados por Marcelino Trovão de Melo, Antonio de Souza Duarte e Laudemiro Lopes de Figueiredo Filho.

A Sra. Lúcia Morais de Barros e a todos os seus funcionários da SERTEC.

Ao SEBRAE/PB através do diretor Pedro Aurélio Mendes Brito e aos técnicos, João Alberto Miranda Leite, Oton Magalhães Amorim e Marcos Farias Magalhães.

A professora Maria Dilma Guedes pela sua presteza em todos os momentos na construção desse trabalho.

Às professoras Kadidja Ferreira Santos e Elizete Amaral de Medeiros pela colaboração no momento exato.

Aos membros da banca examinadora e pré-banca, professor Dr. Lucinaldo dos Santos Rodrigues e professora Dra. Maria Dora Ruiz Temoche, pelas sugestões que contribuíram para aprimoramento desta dissertação.

Aos amigos Orlando Ângelo companheiro de curso e Tatiana Brandão, da Assessoria de Imprensa da UEPB, pela força que sempre me deram.

Ao professor Chateaubriand Bandeira Júnior, vice-diretor do Centro de Formação de Tecnólogos da Universidade Federal da Paraíba, pelo permanente incentivo.

Aos colegas de curso, pelo carinho, apoio e amizade em todos os momentos.

Todos aqueles que, direta e indiretamente, apoiaram-me e incentivaram.

“No cooperativismo a ausência de utopia é o mesmo que a certeza sem esperança, o cotidiano sem sonhos, a prosa sem poesia, a memória sem imaginação, a realidade sem mudança”.

(Henri Desroche)

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo analisar os principais fatores que contribuíram para a elevação da renda familiar dos cooperados da Cooperativa Agropecuária do Cariri – Coapecal. O cooperativismo surgiu no século XIX, com a fundação, em 1844, da primeira cooperativa, em Rochdale, bairro de Manchester na Inglaterra, em resposta ao avanço da Revolução Industrial, que introduzia a máquina a vapor em substituição a mão-de-obra disponível na época. O método utilizado foi o estudo de caso. A pesquisa realizada quanto ao objeto foi do tipo bibliográfica e de campo e quanto aos fins a descritiva. O universo pesquisado foi composto por uma população de 900 cooperados, sendo destes retirada uma mostra de 187 cooperados. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a aplicação de questionário, com vinte e três perguntas fechadas, visando delinear o perfil socioeconômico dos cooperados, como também identificar os aspectos relacionados com a propriedade e as atividades desenvolvidas referente à pecuária, onde se buscou aferir o grau de elevação da renda familiar dos pesquisados. E por fim, depois de agrupadas e interpretadas às variáveis inerentes a referida pesquisa, o presente estudo demonstrou que a maioria dos pesquisados teve realmente comprovada a elevação na sua renda familiar, confirmando que é o cooperativismo uma alternativa na microrregião do cariri oriental paraibano, para se alcançar esse objetivo. Desse modo, esperamos que os gestores da Cooperativa reflitam e busquem atender às reivindicações feitas pelos seus cooperados.

Palavras-chave: Cooperativismo. Cooperativa. Cooperado. Renda Familiar

ABSTRACT

The present study describes the diverse socioeconomic aspects that contribute to family income increase of cooperative members at the Cooperativa Agropecuária do Cariri – Coapecal. The idea of cooperative firstly appeared in the nineteenth century when the first cooperative was founded in Rochdale, Manchester, Britain in response to the Industrial Revolution advance that had introduced the steam machine to replace manpower available then. The method used in the research was a case study including a descriptive and bibliographic field survey. A population of 900 cooperative members were involved in the study, being 187 out of them used as a sample for the investigation. A questionnaire involving three aspects was used to collect the data in the survey. The first aspect containing 8 questions related to the socioeconomic profile of cooperative members; the second with 6 questions referred to property, being the third aspect with 9 questions about cattle raising. The whole questionnaire comprised of 23 closed questions aiming to estimate the increase rate in the family income of the people surveyed. Finally, after compiling and interpreting the variables of the research, the study showed there was, indeed, an increase in the family income of those members, and it confirmed that cooperativeness is an effective alternative to reach this goal. Thus, it is expected that cooperative managers ponder over this reality and that they be willing to meet their members' requests.

Key words: Cooperativeness; cooperative, cooperative members, family income.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1. Organograma da Cooperativa.....	47
--	----

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Microrregião do cariri oriental paraibano.....	40
Mapa 2. Microrregião do cariri paraibano.....	41
Mapa 3. Estado da Paraíba, destacando a microrregião do cariri.....	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Produtos produzidos pela Coapecal.....	44
Quadro 2. Número de Empregados.....	45
Quadro 3. Número de Cooperados entre 1997 e 2006.....	49
Quadro 4. Evolução do Capital Social.....	50
Quadro 5. Evolução do Faturamento Anual da Cooperativa.....	50
Quadro 6. Demonstrativo da Produção Anual da Cooperativa.....	51
Quadro 7. Demonstrativo dos Consumidores da Coapecal.....	53
Quadro 8. Fornecedores de Matéria-Prima da Cooperativa.....	54
Quadro 9. Municípios e Comunidades abrangidas pela Pesquisa.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 4.2.1 Distribuição de frequência dos cooperados quanto à faixa etária.....	68
Tabela 4.2.2 Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao grau de instrução.....	69
Tabela 4.2.3 Distribuição de frequência dos cooperados quanto às condições de habitação.	70
Tabela 4.2.3.1 Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao número de cômodos em sua moradia.....	71
Tabela 4.2.4 Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao número de pessoas morando com a família.....	72
Tabela 4.2.5 Distribuição de frequência dos cooperados quanto à renda média mensal.....	73
Tabela 4.2.6 Distribuição de frequência dos cooperados quanto à aquisição de bens de consumo.....	75
Tabela 4.2.7 Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao ingresso na cooperativa.....	77
Tabela 4.3.1 Distribuição de frequência dos cooperados quanto à área da propriedade.....	78
Tabela 4.3.2 Distribuição de frequência dos cooperados quanto à posse da terra.....	79
Tabela 4.3.3 Distribuição de frequência dos cooperados quanto à distância de sua propriedade em relação a cooperativa.....	80
Tabela 4.3.4 Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao acesso de sua propriedade.....	81
Tabela 4.3.5 Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao tipo de energia em sua propriedade.....	82
Tabela 4.3.6 Distribuição de frequência dos cooperados quanto à disponibilidade de mão - de obra.....	83
Tabela 4.4.1 Distribuição de frequência dos cooperados quanto à sua atividade pecuária...	84
Tabela 4.4.2 Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao número de Animais produzindo leite.....	85
Tabela 4.4.3 Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao sistema de reprodução animal.....	86
Tabela 4.4.4 Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao emprego de Profissionais que prestam assistência técnica ao rebanho.....	87

Tabela 4.4.5 Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao número de vacinação animal feita ao ano.....	88
Tabela 4.4.5.1 Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao uso do exame de sangue do animal.....	89
Tabela 4.4.6 Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao processo de ordenha....	90
Tabela 4.4.7 Distribuição de frequência dos cooperados quanto à quantidade de litros de leite entregue por mês à cooperativa.....	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 4.2.1 Cooperados quanto à faixa etária.....	69
Gráfico 4.2.2 Cooperados quanto ao grau de instrução.....	70
Gráfico 4.2.3 Cooperados quanto ao local de habitação.....	71
Gráfico 4.2.3.1 Cooperados quanto ao número de cômodos na sua moradia.....	72
Gráfico 4.2.4 Cooperados quanto ao número de pessoas morando com a família.....	73
Gráfico 4.2.5 Cooperados quanto à renda média mensal.....	74
Gráfico 4.2.5.1 Cooperados quanto à renda média mensal.....	74
Gráfico 4.2.5.2 Cooperados quanto à renda média mensal.....	75
Gráfico 4.2.6 Cooperados quanto à aquisição de bens de consumo.....	76
Gráfico 4.2.7 Cooperados quanto ao ingresso na cooperativa.....	77
Gráfico 4.3.1 Cooperados quanto à área da propriedade.....	78
Gráfico 4.3.2 Cooperados quanto a posse da propriedade.....	79
Gráfico 4.3.3 Cooperados quanto a distância da sua propriedade em relação a cooperativa.....	80
Gráfico 4.3.4 Cooperados quanto ao acesso de sua propriedade.....	81
Gráfico 4.3.5 Cooperados quanto ao tipo de energia em sua propriedade.....	82
Gráfico 4.3.6 Cooperados quanto a disponibilidade de mão-de-obra.....	83
Gráfico 4.4.1 Cooperados quanto a sua atividade agropecuária.....	84
Gráfico 4.4.2. Cooperados quanto ao número de animais produzindo leite antes.....	85
Gráfico 4.4.2.1 Cooperados quanto ao número de animais produzindo leite hoje.....	85
Gráfico 4.4.2.2 Cooperados quanto ao número de animais produzindo leite.....	86
Gráfico 4.4.3 Cooperados quanto ao sistema de reprodução animal.....	87
Gráfico 4.4.4 Cooperados quanto ao emprego de profissionais que prestam assistência técnica ao rebanho.....	88

Gráfico 4.4.5 Cooperados quanto ao número de vacinação animal feita ao ano.....	89
Gráfico 4.4.5.1 Cooperados quanto ao uso de exame de sangue do animal.....	90
Gráfico 4.4.6 Cooperados quanto ao processo de ordenha.....	91
Gráfico 4.4.7 Cooperados quanto à quantidade de litros de leite entregue por mês antes à cooperativa.....	92
Gráfico 4.4.7.1 Cooperados quanto a quantidade de litros de leite entregue por mês hoje à cooperativa.....	92
Gráfico 4.4.7.2 Cooperados quanto a quantidade de litros de leite entregue por mês à cooperativa.....	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

coord – Coordenador

ed - edição

org – Organizador

s.d - sem data

ACI - Aliança Cooperativa Internacional

AGE - Assembléia Geral Extraordinária

AGO - Assembléia Geral Ordinária

ASSOCENE - Associação de Orientação as Cooperativas do Nordeste

COAPECAL - Cooperativa Agropecuária do Cariri Ltda.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras

OCEES - Organização das Cooperativas do Estado do Espírito Santo

OCEMG - Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais

OCEPAR - Organização das Cooperativas do Estado do Paraná

OCEPB - Organização das Cooperativas do Estado da Paraíba

OCERGS - Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul

PIB - Produto Interno Bruto

SEBRAE – Serviço de Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SIF - Serviço de Inspeção Federal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
1.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO COOPERATIVISMO.....	21
1.2 COOPERATIVISMO NO BRASIL.....	26
1.3 A CONSTITUIÇÃO DE COOPERATIVAS.....	29
1.3.1 Direitos e deveres dos cooperados.....	34
1.3.2 Responsabilidade dos cooperados.....	35
1.3.3 O Perfil dos dirigentes de cooperativas.....	36
II HISTÓRIA DA COAPECAL.....	37
2.1 A CONSTITUIÇÃO DA COAPECAL.....	38
2.2 ÁREA DE ABRANGÊNCIA.....	40
2.2.1 Localização geográfica.....	41
2.3 SERVIÇOS PRESTADOS.....	43
2.4 SETORES DE ATUAÇÃO DA COOPERATIVA/ PRINCIPAIS PRODUTOS.....	44
2.5 ASPECTOS ORGANIZACIONAIS.....	45
2.6 GESTÃO DA COOPERATIVA.....	45
2.7 EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE COOPERADOS.....	48
2.8 CAPITAL SOCIAL.....	49
2.9 FATURAMENTO DA COOPERATIVA.....	50
2.10 SITUAÇÃO OPERACIONAL.....	51
2.11 PROCESSOS PRODUTIVOS DA COOPERATIVA.....	52
2.12 PROCESSOS DE COMERCIALIZAÇÃO.....	52
2.13 MERCADO CONSUMIDOR.....	53
2.14 MERCADO FORNECEDOR.....	54
2.15 SITUAÇÃO ESTRATÉGICA DA COOPERATIVA.....	54
III ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	56
3.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA PESQUISA.....	57
3.1.1 Local de estudo.....	59
3.2 Universo e Amostra.....	62
3.2.1 Universo.....	62
3.2.2 Amostra.....	62
3.3 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS.....	63

3.3.1 Perfil socioeconômico dos cooperados.....	63
3.3.2 Aspectos relacionados com a propriedade.....	63
3.3.3 Aspectos relacionados com a atividade pecuária.....	64
3.4 TÉCNICAS E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	64
3.5 PRÉ-TESTE.....	65
3.6 COLETA DE DADOS.....	66
3.7 TÉCNICA DE TRATAMENTO DE DADOS.....	66
IV ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	67
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.....	68
4.2 Perfil Socioeconômico dos Cooperados.....	68
4.2.1 Faixa etária dos cooperados.....	68
4.2.2 Grau de instrução dos cooperados.....	69
4.2.3 Condições de habitação dos cooperados.....	70
4.2.4 Número de membros da família.....	72
4.2.5 Renda média mensal do cooperado.....	73
4.2.6 Aquisição de bens de consumo pelos cooperados.....	75
4.2.7 Época de ingresso na cooperativa.....	77
4.3 Aspectos Relacionados com a Propriedade.....	78
4.3.1 Área da Propriedade.....	78
4.3.2 Condições de posse da propriedade.....	79
3.3.3 Distância da propriedade em relação à cooperativa.....	80
4.3.4 Condições de acesso a propriedade.....	81
4.3.5 Tipo de energia existente na propriedade.....	82
4.3.6 Disponibilidade de mão-de-obra na propriedade.....	83
4.4 Aspectos Relacionados com a Atividade Pecuária do Cooperado.....	84
4.4.1 Tipo de Atividade Pecuária.....	84
4.4.2 Quantidade de animais produzindo leite.....	85
4.4.3 Sistema de reprodução animal.....	86
4.4.4 Emprego de profissionais de assistência técnica.....	87
4.4.5 Controle sanitário: uso de vacinação animal.....	88
4.4.5.1 Controle sanitário: uso de exame de sangue do animal.....	89
4.4.6 Processo de ordenha do leite.....	90
4.4.7 Produção mensal de litros de leite.....	91
V CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93

REFERÊNCIAS.....	96
APÊNDICE A.....	102

INTRODUÇÃO

A História do Cooperativismo é muito antiga. Ela revela as diversas fases das dificuldades encontradas pelos homens e as lutas que eles travaram para ocupar espaços no presente processo de produção e terem acesso aos bens materiais que necessitam para viver.

A ação cooperativa não tem por objetivo a eliminação da competição. A Cooperação não é uma proposta de inversão da ordem competitiva, mas uma nova estratégia de competição; sob esse ponto de vista, a cooperação busca a competição.

O cooperativismo é dotado de princípios de elevada nobreza e valor humano, os quais são capazes de criar uma dimensão superior de administração das atividades governamentais, e empresariais, com o firme propósito de consolidar benefícios sociais e econômicos aos participantes dos atos cooperativos e de suas relações técnicas e comerciais, sem fins lucrativos.

Sabe-se também que o Cooperativismo é a forma mais evoluída do associativismo. O associativismo nasceu junto com o homem e provém da necessidade da união para vencer as agruras e desafios do mundo real. A sociedade cooperativa, em sua estrutura moderna, tal qual a conhecemos, tem seu ponto inicial e exemplificativo na “Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale”, que consistiu basicamente da união de tecelões que anteriormente constituíram uma poupança comunitária para aquisição de bens de consumo em maior escala, com preço diferenciado, para divisão em comum.

Parte-se do pressuposto que as pessoas, seus conhecimentos e habilidades mentais passam a ser a principal base dos novos modelos de Gerenciamento Organizacional. Principalmente, quando se trata de administrar pessoas, produtos e serviços em um mercado cada vez mais competitivo.

Desse modo, o presente estudo busca mostrar que a prática do cooperativismo por parte dos associados da Cooperativa Agropecuária do Cariri Ltda. – Coapecal - tem contribuído de forma decisiva para a elevação do nível de renda familiar do integrante (cooperados), bem como se tornando os produtos vendidos pela mesma, mais competitivos.

No entanto, um fator que justificou a avaliação deste trabalho foi a constatação do grau de dependência dos Agropecuaristas em relação às empresas que atuavam no processamento e beneficiamento do leite *in natura* naquela região, ditando os preços ao seu modo, sem se preocupar com os altos custos que a atividade impunha aos pequenos produtores de leite.

Assim, a análise aqui proposta não tem a pretensão de formular soluções aos problemas aqui internalizados, mas sim, contribuir para futuras pesquisas na área do cooperativismo.

Para dar suporte a esta investigação, foram estabelecidas algumas questões que nortearão a realização da pesquisa:

Qual o perfil dos cooperados moradores da região?

Com se dá o relacionamento entre os cooperados e a cooperativa?

Quais as condições de produção enfrentadas pelos cooperados?

Quais as principais atividades econômicas desenvolvidas pelos cooperados?

A partir destas questões, foi possível atingir aos objetivos proposto para o desenvolvimento deste estudo:

Geral:

- Analisar a elevação da remuneração financeira dos cooperados da Cooperativa Agropecuária do Cariri - Coapecal.

Específicos:

- Traçar o perfil dos cooperados da Coapecal;
- Averiguar entre os cooperados, se realmente houve um aumento da renda financeira após o ingresso na cooperativa;
- Identificar quais os principais fatores que contribuíram para a elevação da renda familiar dos cooperados.

Notadamente, o mundo está passando por grandes mudanças, e com intensidade cada vez maior. A mudança sempre existiu na história da humanidade, mas não com o volume e a rapidez com que ocorre atualmente. Vários fatores contribuem para isso, através das transformações Econômicas, Tecnológicas, Sociais, Culturais, Políticas, Democráticas e Ecológicas que atuam de maneira conjugada e sistemática em um processo dinâmico de forças que produz resultados inimagináveis trazendo a imprevisibilidade e incertezas para as Organizações.

Com o advento desta evolução, as organizações tiveram que se tornar mais competitivas e dinâmicas. Onde um novo modelo de economia (Globalização) tem levado muitas Organizações a adotarem novos formatos organizacionais e novas formas de gerenciamento.

No entanto, o Cooperativismo também buscou se adequar a essa economia globalizada para tornar seus cooperados mais dinâmicos e competitivos.

Desse modo, o presente trabalho busca desenvolver um estudo no sentido de analisar a elevação da remuneração financeira dos cooperados da Cooperativa Agropecuária do Cariri – Coapecal, e para tanto, foi necessária a utilização de um questionário com perguntas fechadas, consulta a documentos, censos, balanços e relatórios.

A dissertação foi estruturada em quatro capítulos: No primeiro que trata da fundamentação teórica, foi realizado um retrospecto da evolução histórica do cooperativismo, a nível mundial como também no Brasil, e ainda procurou-se mostrar o procedimento de constituição de uma sociedade cooperativa e a legislação vigente em nosso País. O segundo, discorre sobre a história da formação da Cooperativa Agropecuária de Caturité – Coapecal, em 1997, e sua evolução até os dias atuais. O terceiro capítulo, foi dedicado aos aspectos metodológicos desenvolvidos no decorrer deste trabalho. No quarto capítulo, foi feita uma análise e interpretação dos dados, com o uso da tabela de distribuição de frequência e dos gráficos comparativos dos números revelados.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO COOPERATIVISMO

O Cooperativismo surgiu em Rochdale, um bairro da cidade de Manchester, na Inglaterra, no ano de 1844, período da Revolução Industrial, quando de fato um grupo de 28 tecelões deu início ao movimento cooperativista que se espalhou pelo mundo, de forma permanente. Um dos seus ideólogos imediatos foi Roberto Owen (1771 – 1858), industrial, proprietário, mas socialista e reformador social. (ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, 1977, p. 2862).

Dentro desse espírito de melhoria da condição da classe trabalhadora, os pioneiros de Rochdale constituíram a primeira cooperativa de consumo, com o objetivo inicial de fornecer gêneros de primeira necessidade aos associados, mas passando logo depois, a produzir tudo que se fizesse necessário ao bem estar de todos. (Idem, p.2862)

O lucro era eliminado, dentro do possível, com a fixação do justo preço; quanto à gestão, cabia apenas um voto a cada um dos cooperados, independente do valor de suas cotas-partes, ficando, assim, caracterizado que a cooperativa é uma sociedade de pessoas e não de capital. Esse princípio permanece ainda hoje no sistema cooperativista. Mais tarde, essas experiências foram reconhecidas legalmente como um instrumento de mudança social gerador de emprego e renda em todo o mundo. (Idem, p.2862)

As cooperativas se espalharam por todos os países, em todos os continentes. Isto permite afirmar que o movimento cooperativista é o mais importante movimento sócio-econômico do mundo.

Na França, iniciava-se, simultaneamente, na doutrina e na prática, embora sem o êxito das experiências inglesas, o movimento das cooperativas de produção. Foram seus pregadores e ideólogos os chamados socialistas utópicos: Charles Fourier (1772 – 1837), Pierre Leromix (1797 – 1871), Benjamin Buchez (1776 – 1860) e Louis Blanc (1811 – 1882). Os dois últimos chegaram a criar cooperativas de produção, associações de trabalhadores, como agrupamentos mais ou menos autônomos, nos quais os operários eram co-proprietários e co-administradores. As idéias de Buchez são de 1831, criando-se, em 1834, a associação dos joalheiros sob a sua inspiração. As idéias e os projetos de Louis Blanc são mais concretos. Sob a denominação de oficina social, agrupando trabalhadores do mesmo ofício, propôs as cooperações operárias de produções, ensaiadas na revolução de 1848 (Idem, p. 2862).

Em 1989, a Aliança Cooperativa Internacional estimava em 600 milhões o número de pessoas reunidas em cooperativas, nos seus diferentes segmentos. Produção e distribuição de bens agrícolas, escoamento da produção, crédito, construção de moradia, transporte pesado e transporte leve, material escolar, ensino, artesanato, em geral, hotéis e turismo, trabalho profissional de qualquer categoria, extração e lavra de minerais, enfim, um sem números de atividades gira também dentro de cooperativas.

O cooperativismo é uma doutrina econômica que se baseia na cooperação e que opera como um sistema reformista da sociedade que quer obter o justo preço, através do trabalho e ajuda mútua.

Os objetivos que nortearam a constituição da cooperativa dos chamados Pioneiros de Rochdale não tardaram a ser sistematizados e fundidos em um contexto de doutrina social. Charles Gide, conhecido como o chefe da Escola de Nimes, formulou um programa com três etapas, no qual o cooperativismo deixava de ser um movimento exclusivo de trabalhadores, para se alastrar e atingir todas as camadas sociais, já que ele visa o homem como objetivo maior.

Na teoria de Charles Gide, o homem deixa de ser o trabalhador apenas para ser, também, consumidor. Esta teoria foi vista por alguns como revolucionária, por defrontar-se com os conceitos tradicionais da economia liberal. Charles Gide visava, com o conceito de verticalização da economia, a obtenção do justo preço sem a interferência do lucro, do dividendo e da transferência de propriedade, que acresce indefinidamente o preço do bem ou do produto.

O Cooperativismo, como doutrina social que sistematiza a reforma da sociedade, é também, fundamentalmente, filosófica. É filosofia, no sentido de aspirar ao aperfeiçoamento moral do homem, pelo alto sentido moral da solidariedade, contribuindo na ação pela melhoria econômica.

Como doutrina e como filosofia, o cooperativismo é um movimento consistente e pacífico. Não radicaliza e não exerce a coação e a violência como instrumento de conquista e expansão.

Diante disso, as cooperativas se apresentam, assim, como sociedades de inspiração democrática onde o capital se constitui em um meio de participação e nunca em um fim de lucro. Para a realização de seus objetivos, a cooperativa não busca o lucro e, na ocorrência de excedente financeiro, o mesmo retorna ao associado. Neutralidade política, religiosa e racial contempla a todos, indistintamente, e a adesão é livre a quem queira participar. O homem,

principal objetivo da sociedade, deve ser educado constantemente, e ele, como usuário do serviço, deve administrar suas compras, coerente e corretamente.

No entender de Pinho (1982, p. 239) *“Cooperativas são organizações de pessoas que buscam, em bases democráticas, atender às necessidades econômicas de seus membros e prestar-lhes serviços”*.

Segundo Laidlaw (2000), as cooperativas vêm apresentando realizações que se evidenciam em todo o mundo; dentre os exemplos o autor cita:

Nos Estados Unidos, foram às cooperativas que levaram energia elétrica ao meio rural no decurso da última geração e, com isso, conseguiram a hegemonia mundial na produção de cereais, ou quase isso;

Na Romênia, as cooperativas de turismo e viagem lideram o setor;

Na Índia, cerca de metade da produção açucareira vem de cooperativas. É lá também que estão usinas de transformação de leite comparáveis com as mais modernas do mundo. E mais: lá são numerosas as cooperativas de produtores de fertilizantes para a agricultura;

Na Islândia, o nível de desenvolvimento das cooperativas é tão elevado que se ouve, com frequência, a expressão: “Islândia Cooperativista”;

As caixas cooperativas agrícolas da França ocupam lugar de destaque no sistema bancário mundial, pelo número de pontos de atendimento e operações realizadas;

As cooperativas de Mondragon, na Espanha, incluem-se entre os maiores fabricantes de refrigeradores e equipamentos eletrodomésticos e até elevadores. São empreendimentos (fábricas) de trabalhadores empresários, no setor de produção industrial;

Na década de 70, mais da metade das moradias novas na Polônia foi construída por cooperativas;

Na Suécia, a cadeia de cooperativas OK possui a maior refinaria de petróleo do País;

O maior sistema de seguros da Malásia é o do movimento cooperativista;

Na Venezuela, cerca de metade dos serviços funerários provém de cooperativas;

As cooperativas operárias da Itália são reconhecidas como a ação mais eficaz contra o desemprego e compõem um universo considerável de pequenas e médias empresas. Lá, a reforma agrária tem sido facilitada pela atuação das cooperativas;

Na Argentina, várias cooperativas de consumo existentes nasceram no século passado;

Nos países escandinavos, as cooperativas agrícolas respondem por cerca de 90% da produção nacional;

No Canadá, cerca de um terço da população adulta é membro de uma caixa cooperativa de crédito;

Entre os maiores sistemas bancários do mundo, alguns são cooperativos: França, Alemanha, Bélgica, Países Baixos e Japão.

Enfim, é difícil encontrar algum setor da economia, das atividades mais simples às mais exóticas, digamos assim, que não inclua a ação cooperativa de pessoas reunidas solidariamente para ali também construir o próprio empreendimento, ou seja, uma cooperativa.

Tudo isso vem comprovando que o cooperativismo, por um lado, é cada vez mais forte e saudável; por outro, que constitui realmente um instrumento de reordenamento social no mundo inteiro, atuando para melhorar a educação das pessoas e a distribuição de renda, especialmente entre os menos favorecidos.

Dada a sua característica de diversidade, as cooperativas podem ser organizadas nos mais diferentes setores da economia, seja no campo ou na cidade, estando atualmente às cooperativas urbanas em maior expansão. É possível afirmar que, em torno de qualquer problema econômico ou social, pode-se constituir uma cooperativa, que por sua vez age na melhoria das condições de trabalho, na medida em que se transformam em patrões, empregados, produtores, profissionais liberais e outros empresários, os quais determinam, em comum acordo e de forma democrática as regras de atuação da mesma.

A cooperativa é um importante instrumento de mudança social na medida em que atua na promoção dos trabalhadores que, ao adquirirem o status de empresários, tornam-se autogestionários de suas próprias atividades. Esse status demanda, por parte dos associados, um permanente programa de capacitação e tendo em vista que o sistema cooperativista exige, na prática, o respeito à liberdade, à democracia, à igualdade e à solidariedade.

Para Benecke (1980, p. 83), “*em uma cooperativa, os sócios trazem o capital para que a empresa cooperativa assegure a venda de seus produtos, a aquisição dos bens de consumo ou de insumos para possibilitar a produção comum*”.

Na visão de Pinho (1977, p.7), “*as cooperativas aparecem em todas as fases do processo produtivo, canalizando os ganhos às unidades domésticas, que representam os cooperados*”.

Os trabalhadores já descobriram os benefícios do trabalho solidário e autogestionário. As cooperativas baseiam-se em valores de ajuda mútua e responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Na tradição dos seus fundadores, os membros das cooperativas acreditam nos valores éticos da honestidade, transparência, responsabilidade social e preocupação pelo seu semelhante.

Baseada nestes valores, a cooperativa passa a ser uma alternativa de mudança social em que a dignidade do trabalho e a responsabilidade social andam juntas com as transformações de um mercado cada vez mais exigente e competitivo.

O Cooperativismo tem se mostrado, na prática, como uma boa saída que os cooperados encontram para gerar, manter e/ou recuperar postos de trabalho, bem como um grande gerador de trabalho e renda, já que a cooperativa tanto pode ser a única fonte de receita do trabalhador cooperado, como pode servir de complementação em seu orçamento.

Através das cooperativas, os trabalhadores conseguem manter ou ter acesso ao trabalho e renda. Por sua característica autogestionária, a cooperativa propicia um amplo processo de educação dos participantes. O exercício da participação e da convivência constrói novas relações de produção entre cooperados, decorrentes da organização coletiva, que refletem no seu processo de conscientização, contribuindo para a formação de lideranças e na promoção da cidadania.

Em virtude desta eficácia do sistema cooperativista frente à possibilidade de inserção e mudança social na vida dos cooperados, tornou-se crescente a preocupação com a qualidade nas cooperativas. É sabido que para o seu desenvolvimento é fundamental a constante formação do quadro diretivo associativo e funcional. Por suas características peculiares, seus cooperados são, ao mesmo tempo, donos e usuários. Como donos, entre outras funções, devem se preparar para gerir a cooperativa e, como usuários, utilizam-se dos serviços prestados pela cooperativa para buscarem, manterem ou criarem novos postos de trabalho. Têm que estar constantemente se reciclando como fazem os melhores profissionais. Por esta razão, destaque especial deve ser dado à educação cooperativista, um processo permanente de desenvolvimento do quadro associativo.

A passagem do estágio de excluído para participante de uma cooperativa demanda um conjunto de rupturas na forma tradicional de concepção do trabalho. A autogestão, o planejamento da produção e a construção da relação com o mercado são algumas das necessidades que se impõem ao processo cooperativo e, portanto, exigem conhecimento específico por parte dos participantes. O processo de formação e capacitação dos trabalhadores é o primeiro passo para a eficácia da ação cooperativa e se constitui em necessidade permanente aos grupos interessados na geração de trabalho e renda familiar.

Segundo a definição de (Barros, 1993), “*renda familiar envolve todos os aspectos pecuniários percebidos pelos membros das famílias, inclusive os que trabalham no mercado informal*”.

Ainda sobre renda familiar, (Aurélio, 2001) diz que “é a importância recebida como resultado de atividade econômica, rendimento, receita. Consiste na soma das rendas, ou seja, da remuneração, de todas as pessoas que fazem parte de um grupo familiar”.

1.2 COOPERATIVISMO NO BRASIL

O Cooperativismo teve início, no Brasil, segundo Pinho (1995, p.9), com a instalação da primeira cooperativa de consumo, em 1891, em Limeira – São Paulo, e em 1895, com a de Camaragibe, Pernambuco. Em 1902, fundou-se, em Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul, a primeira cooperativa de Crédito, segundo o sistema Raiffeisen e, no mesmo Estado, em 1906, a primeira cooperativa agropecuária.

Desde então o Cooperativismo foi lançando raízes e se expandindo pelos diversos estados do País, em uns estados – especialmente os da região Sudeste e Sul – mais rapidamente do que em outros, enfrentando dificuldades internas de quadros técnicos e administrativos e também dificuldades externas, em especial, durante o período de 1910 a 1930. Pinho (1995, p, 9).

No Brasil, segundo a Organização das Cooperativas Brasileiras (2006), o Cooperativismo encontra-se em plena expansão e transformação, sendo formado por mais de 7.000 cooperativas, dando emprego a 160% a mais do que a Indústria Automobilística, com 182 mil trabalhadores, ofertando bens e serviços para mais de 28 milhões de brasileiros. O número de cooperativas, em todos os seus 13 segmentos, está crescendo a uma taxa média de 6% ao ano. O número de adesão de sócios cooperados à atividade econômica inspirada pelo cooperativismo cresce a uma taxa média de 8% ao ano; e ainda abre postos de trabalho para funcionários, visando empreender suas atividades administrativas, a um taxa média de 6% ao ano.

O movimento cooperativista brasileiro vive hoje um dos melhores momentos de sua existência. De um lado, nunca foi tão propagada junto à opinião pública, às autoridades e na mídia, a importância do Cooperativismo para a geração de postos de trabalho e de renda; Por outro lado, tem sido citado como alternativa para a resolução dos problemas sociais históricos do País. Não é por acaso que políticos, em todos os níveis, em suas campanhas eleitorais,

incorporam em suas propostas, bandeiras de apoio à criação e ao desenvolvimento de cooperativas.

O Cooperativismo hoje congrega mais de seis milhões de brasileiros em 13 setores diferentes. No campo, o sistema reúne 25% da economia agrícola e 20% dos produtores. Responde por 115 mil quilômetros de rede de energia elétrica, produz 30% da soja brasileira, 62% do trigo, 32% dos suínos, 17% do milho, 28% do Café, 45% do leite brasileiro e 39% do algodão. A maior parte dos cooperados, 55%, é formada por pequenos proprietários, com até 50 hectares de terra. As cooperativas são responsáveis por um volume de transações econômicas equivalentes a 6% do PIB (OCB, 2006).

Schneider (1982, p, 9), define cooperativismo como:

Um movimento que começou pequeno e humilde. Não foi o de uma revolução abrupta e espalhafatosa, pois iniciou no silêncio de uma crise de desemprego em meio ao período mais selvagem da Revolução Industrial Capitalista na Inglaterra. De um local humilde e até então ignorado, de Rochdale, parte uma despreziosa experiência; que cresce devagar, mas sempre, até alastrar-se pelo mundo todo, e atingir as dimensões que hoje tem.

As cooperativas podem adotar, por objetivo, qualquer gênero de serviços, operação ou atividade, de acordo com a área econômica de interesse dos cooperados. A palavra “ramo” é usada para distinguir os tipos de cooperativas.

De acordo com a OCEPB – Organização das Cooperativas do Estado da Paraíba, o sistema cooperativista no Brasil é formado pelos seguintes ramos:

- Agropecuário: composto por cooperativas de produtores rurais ou agropastoris e de pesca;
- Consumo: composto por cooperativas dedicadas à compra em comum de artigos de consumo para os seus associados;
- Saúde: composto por cooperativas que se dedica à preservação e recuperação da saúde humana;
- Habitacional: composto por cooperativas destinadas à construção, manutenção e administração de conjuntos habitacionais para seu quadro social;
- Educacional: composto por cooperativas de professores, por cooperativas de alunos de escola agrícola, por cooperativas de pais de alunos e por cooperativas de atividades afins;

- Especial: composto por cooperativas constituídas por pessoas que precisam ser tuteladas ou se encontram em situação de desvantagem nos termos da Lei. 9.867, de 10 de novembro de 1999;
- Crédito: composto por cooperativas destinadas a promover a poupança e financiar necessidades ou empreendimentos aos seus associados;
- Infra-estrutura: composto por cooperativas cuja finalidade é atender direta e prioritariamente o próprio quadro social com serviços de infra-estrutura;
- Mineral: composto por cooperativas com a finalidade de pesquisar, extrair, lavrar, industrializar, comercializar, importar e exportar produtos minerais;
- Produção: composto por cooperativas dedicadas à produção de um ou mais tipos de bens e mercadorias, sendo os meios de produção propriedade coletiva, mediante a cooperativa como pessoa jurídica, e não propriedade individual do associado;
- Trabalho: composto por cooperativas de trabalhadores de qualquer categoria profissional, para prestar serviços, organizados num empreendimento próprio;
- Transportes: composto por cooperativas que atuam no transporte de cargas e de passageiros;
- Turismo e Lazer: composto por cooperativas que prestam serviços turísticos, artísticos, de entretenimento, de esportes e de hotelaria, ou que atenda diretamente o seu quadro social nessas áreas.

Pode-se dizer que as cooperativas são, em muitos municípios, a mais importante empresa econômica, as maiores empregadoras e geradoras de receita, atuando em perfeita sintonia com a coletividade, atendendo cerca de 20% da população rural brasileira.

Com o seu desenvolvimento, segundo Laidlaw (1999, p, 89): *“As cooperativas passaram a ser importantes agentes econômicos e social, difusoras de tecnologias e implementadoras de políticas desenvolvimentistas, agindo como elo entre o produtor rural e o governo”*.

Para Cario (1985), a partir de segunda metade da década de 70, o desemprego estrutural, em massa, voltou a ser uma constante na vida dos trabalhadores. Nas décadas seguintes, ocorreu a desindustrialização dos países centrais e mesmo de países semi-industrializados como o Brasil, eliminando vários milhões de postos de trabalho formal. Ter um emprego passou a ser privilégio de uma minoria. Os sindicatos perderam sua capacidade de lutar pelos direitos dos trabalhadores.

Nesse contexto, ressurgiu, com força cada vez maior, a economia solidária na maioria dos países. Na verdade, ela foi reinventada. O que distingue esse “Novo Cooperativismo” é a

volta aos princípios, o grande valor atribuído à democracia e à igualdade dentro dos empreendimentos, a insistência na autogestão e o repúdio ao assalariamento.

A Estratégia da economia solidária autogestionária se fundamenta na tese de que as contradições do capitalismo criam oportunidades de desenvolvimento de organizações econômicas cuja lógica é oposta ao modo de produção capitalista. Todavia, a reinvenção e o avanço da economia solidária não dependem apenas dos próprios desempregados e não prescindem do apoio do Estado e do fundo público, como também necessitam de várias agências de fomento. Cumpre afirmar que, para uma ampla faixa da população, construir uma economia solidária depende primordialmente dela mesma, de sua disposição de aprender e experimentar, de sua adesão aos princípios da solidariedade, da igualdade e da democracia e de sua disposição de seguir estes princípios na vida cotidiana.

Assim, diante do contexto de exclusão que marca a sociedade capitalista, uma das formas de inclusão é a criatividade individual de cada um que, de forma isolada, procura resistir por conta própria no mercado. É o caminho dos micro-empresários e trabalhadores autônomos que, com um reduzido montante de capital à disposição, lançam-se na difícil tarefa da sobrevivência. Com sua ação isolada, a tendência ao fracasso é muito grande e, com os inúmeros casos de insucesso, intimidam-se outras ações similares.

1.3. A CONSTITUIÇÃO DE COOPERATIVAS

Entende-se por cooperativa, seja qual for a constituição legal, toda a associação de pessoas que tenha por fim a melhoria econômica e social de seus membros pela exploração de uma empresa baseada na ajuda mútua e que observe os princípios estabelecidos pela Aliança Cooperativa Internacional-ACI.

O X Congresso Brasileiro de Cooperativismo, realizado no Rio de Janeiro, em 2000, oficializou o seguinte conceito:

Cooperativa é uma organização de pessoas unidas pela cooperação e ajuda mútua, gerida de forma democrática e participativa, com objetivos econômicos e sociais comuns a todos, cujos aspectos legais e doutrinários são distintos de outras sociedades.

O empreendimento cooperativo tem características próprias e se fundamenta nos valores humanos e na dignidade pessoal. É um instrumento que busca a solução de problemas que, de maneira individual, apresentam dificuldades para serem resolvidos. Objetiva viabilizar o associado economicamente, mediante prestação de serviços, desenvolvimento cultural e profissional.

Se a cooperativa é uma prestadora de serviços, é natural que os seus associados definam e aprovelem suas metas com base nas suas necessidades e no estudo de viabilidade econômica. A geração de resultados financeiros e sociais garante a sobrevivência do empreendimento, além de trazer uma margem de retorno positivo para o associado.

Segundo a orientação da OCB (2003), a cooperativa é administrada por associados, eleitos, em assembléia geral, com mandato que varia de 3 a 4 anos, de acordo com a legislação cooperativista e estatuto vigente.

Com a união de suas forças, os associados serão competitivos e estarão presentes no mercado globalizado, desde que tenham qualidade, preço e pontualidade em seus produtos e serviços. No entanto, só haverá retorno positivo se houver participação, responsabilidade e profissionalismo por parte de todos os associados, pois são eles os donos da cooperativa.

Os princípios do Cooperativismo foram criados, estudados e avaliados por líderes e pensadores, com ideais baseados na cooperação. Estes princípios foram aprovados e colocados, em prática, quando da fundação da primeira cooperativa formal do mundo, na Inglaterra, em 1844.

Com a evolução e a modernização do cooperativismo e da economia mundial, os princípios cooperativistas foram reestruturados e adaptados à realidade do mundo atual, com a seguinte definição (OCB, 2006).

1º. Princípio – Adesão Voluntária e Livre. Em regra gerais todas as pessoas têm liberdade de associar-se a uma cooperativa. Ser associado é uma decisão individual e independem da etnia, posição social, política partidária e credo;

2º. Princípio – Gestão democrática e livre. A cooperativa é administrada conforme a vontade dos associados. São eles que definem as prioridades com base nas necessidades e objetivos estabelecidos;

3º. Princípio – Participação econômica dos associados. Os associados integralizam o capital social da cooperativa mediante quotas-partes;

4º. Princípio – Autonomia e Independência. As cooperativas são empreendimentos autônomos, controlados por seus associados, que devem decidir sobre suas atividades, definir sua missão, objetivos e metas. Não há interferência governamental nas decisões.

5º. Princípio – Educação, Formação e Informação. Este princípio objetiva o desenvolvimento cultural e profissional do associado e da sua família. A formação, a capacitação e a constante qualificação de associados, diretores, conselheiros, líderes e funcionários (colaboradores) são objetivos desse princípio;

6º. Princípio – Cooperação entre cooperativas. Se os associados se ajudam mutuamente, as cooperativas deverão fazer o mesmo, só assim haverá crescimento econômico, cultural e social dos associados e do Sistema Cooperativo;

7º. Princípio – Interesse pela comunidade. As cooperativas contribuem para o desenvolvimento da comunidade com a geração de empregos, produção, serviços e preservação do meio ambiente, mediante políticas aprovadas pelos seus associados.

As cooperativas apresentam grande potencial e possibilidade de se transformarem em instrumentos de mudança política, econômica e social, na medida em que valorizam e emancipam o cidadão, principalmente o mais excluído, como é o caso das pessoas de baixa renda. (OLIVEIRA, 1996, p, 55).

Ainda segundo Oliveira (1996), as cooperativas são sociedades de pessoas, sem fins lucrativos, de natureza civil, não sujeitas a falência.

Na compreensão de Lauschner (1982), [*...a cooperativa é o organismo técnico econômico e financeiro sob administração coletiva que mantém nas mãos dos trabalhadores toda a gestão e risco e destina ao fator trabalho e para a sociedade global todo o valor agregado depois de pago o juro....*]

No Brasil, existe uma legislação específica que cuida da constituição de cooperativas e, por se encontrar defasada, uma nova lei está tramitando, no Congresso Nacional, já há algum tempo, no entanto conforme o (INCRA, 1971); ainda está, em vigor, a Lei 5.764/71, com a seguinte redação:

Art. 3º.- Celebaram contrato de sociedades cooperativas as pessoas que reciprocamente se obrigam a contribuir com bens ou serviços para o exercício de uma atividade econômica, de proveito comum, sem objetivos de lucro.

Art.4º.- As Cooperativas são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas a falência, constituídas para prestar serviços aos associados, distinguindo-se das demais sociedades pelas seguintes características :

I – adesão voluntária, com número ilimitado de associados, salvo possibilidade técnica de prestação de serviços;

II - variabilidade do capital social, representado por quotas-partes;

III - limitação do número de quotas-partes do capital para cada associado, facultado, porém, o estabelecimento de créditos de proporcionalidades, se assim for mais adequado para o cumprimento dos objetivos sociais;

IV - inacessibilidade das quotas- partes do capital a terceiros, estranhos à sociedade;

V – singularidades de voto, podendo as cooperativas centrais, federações e confederações, com exceção das que exerçam atividades de crédito, optar por critério de proporcionalidade;

VI - quorum para funcionamento e deliberação de Assembléia Geral, baseado no número de associados e não no capital;

VII – retorno das sobras líquidas do exercício proporcionalmente às operações realizadas pelos associados, salvo deliberação em contrário da Assembléia Geral;

VIII - indivisibilidade dos fundos de reserva e de assistência técnica, educacional e social;

IX - neutralidade política e indiscriminação religiosa, racial e social;

X - prestação de assistência aos associados, e, quando prevista nos estatutos, aos empregados da cooperativa.

XI – área de admissão limitada às possibilidades de reunião, controle e operações e prestação de serviços.

▪ Dos Cooperados

Pela legislação cooperativista atual, segundo o (INCRA, 1971), o ingresso, permanência e exclusão do cooperado em cooperativas brasileiras está implícito nos artigos 29 a 37 da Lei 5.764/71, os quais estão abaixo relacionados:

Art. 29 – O ingresso nas cooperativas é livre a todos que desejam utilizar os serviços prestados pela sociedade, desde que adiram aos propósitos sociais e preencham as condições estabelecidas no estatuto, ressalvada o disposto no artigo 4º, item I, desta Lei.

§ 1º. – A admissão dos associados poderá ser restrita, a critério do órgão normativo respectivo, às pessoas que exerçam determinada atividade ou profissão, ou estejam vinculadas à determinada entidade.

§ 2º. – Poderão ingressar nas cooperativas de pesca e nas constituídas por produtores rurais ou extrativistas as pessoas jurídicas que pratiquem as mesmas atividades econômicas das pessoas físicas associadas.

§ 3º. – Nas cooperativas de eletrificação, irrigação e telecomunicação, poderão ingressar as pessoas jurídicas que se localizarem na respectiva área de operações.

§ 4º.- Não poderão ingressar no quadro das cooperativas os agentes de comércio e empresários que operem no mesmo campo econômico da sociedade.

Art. 30 – À exceção das cooperativas de crédito e das agrícolas mistas com seção de crédito, a admissão de associados, que se efetive mediante aprovação de seu pedido de ingresso pelo órgão de administração, complementa-se com a subscrição das quotas-partes de capital social e sua assinatura no Livro de Matrícula.

Art. 31 – O associado que aceitar e estabelecer relação empregatícia com a cooperativa perde o direito de votar e ser votado, até que sejam aprovadas as contas do exercício em que ele deixou o emprego.

Art.32 – A demissão do associado será unicamente a seu pedido.

Art.33 – A eliminação do associado é aplicada em virtude de infração legal ou estatutária, ou por fato especial previsto no estatuto, mediante termo firmado por quem de direito no Livro de Matrícula, com os motivos que a determinaram.

Art. 34 – A diretoria da cooperativa tem o prazo de 30 (trinta) dias para comunicar ao interessado a sua eliminação.

Parágrafo único – Da eliminação cabe recurso, com efeito suspensivo, à primeira Assembléia Geral .

Art.35 – A exclusão do associado será feita:

I – por dissolução da pessoa jurídica;

II – por morte da pessoa física;

III – por incapacidade civil não suprida;

IV- por deixar de atender aos requisitos estatutários de ingresso ou permanência na cooperativa.

Art.36 – A responsabilidade do associado, perante terceiros, por compromissos da sociedade, perdura para demitidos, eliminados ou excluídos até quando aprovadas as contas do exercício em que se deu o desligamento.

Parágrafo único – As obrigações dos Associados falecidos, contraídas com a sociedade, e as oriundas de sua responsabilidade como associado em face de terceiros, passam aos herdeiros, prescrevendo, porém, após um ano contado do dia da abertura da sucessão, ressalvado os aspectos peculiares das cooperativas de eletrificação rural e habitacional.

Art. 37.- A cooperativa assegurará a igualdade de direito dos associados, sendo-lhe defeso:

I – remunerar quem agencie novos associados;

II – cobrar prêmios ou ágio pela entrada de novos associados, ainda a título de compensação de reservas;

III – estabelecer restrições de qualquer espécie ao livre exercício dos direitos sociais.

1.3.1 Direitos e deveres dos cooperados

Para que uma cooperativa ou qualquer outra forma associativa funcione, dentro da normalidade, é necessário que os seus membros tenham responsabilidades e obrigações para com a organização. No Brasil, as instituições que cuidam da promoção do cooperativismo sempre procuram divulgar junto os cooperados a importância que todos conheçam os seus direitos e deveres (OCB, 2006).

▪ Direitos:

1. Votar e ser votado;
2. Participar de todas as operações da Cooperativa;
3. Receber retorno proporcional no fim do ano;
4. Examinar livros e documentos;
5. Convocar assembléia caso seja necessário;
6. Pedir esclarecimento ao Conselho de Administração;
7. Opinar e defender suas idéias;
8. Propor ao conselho de Administração ou à Assembléia Geral medidas de interesse da Cooperativa.

- Deveres:
 1. Operar com a Cooperativa;
 2. Participar das Assembléias da Cooperativa;
 3. Entregar toda a sua produção à Cooperativa;
 4. Pagar suas quotas-partes em dia;
 5. Aumentar o seu capital na Cooperativa;
 6. Acatar decisões da maioria;
 7. Votar nas eleições da Cooperativa;
 8. Cumprir seus compromissos com a Cooperativa.

1.3.2 Responsabilidade dos cooperados

Além das responsabilidades individuais, os cooperados de uma cooperativa têm uma responsabilidade coletiva. São decisões que os diretores não podem tomar se não contarem com a aprovação da Assembléia Geral dos cooperados.

Toda e qualquer cooperativa pode realizar dois tipos de assembléia; a Assembléia Geral Ordinária, que se realiza apenas, uma vez por ano, num prazo de até sessenta dias após o encerramento do Exercício Financeiro, e a Assembléia Geral Extraordinária que pode ser convocada tantas vezes quantas forem necessárias, desde que o assunto seja considerado de relevância, ou então, quando for para tratar dos temas abaixo relacionados:

1. Aprovação dos planos de trabalho da Cooperativa;
2. Aprovação das prestações de contas do Conselho de Administração e do Parecer do Conselho Fiscal;
3. Aprovação de distribuição de sobras;
4. Aumento de capital da cooperativa;
5. Reforma do estatuto;
6. Dissolução voluntária da Cooperativa e nomeação de liquidantes;
7. Aprovação das contas dos liquidantes;
8. Aquisição e venda de bens móveis e imóveis;
9. Fusão, incorporação ou desmembramento da cooperativa.

1.3.3 O Perfil dos dirigentes de cooperativas

Os dirigentes de Cooperativas (OCB, 2006) devem possuir os seguintes requisitos:

1. Espírito cooperativista;
2. Conhecimento da filosofia e da história do cooperativismo, assim como da administração das Cooperativas como empresas sociais;
3. Conhecimento da economia cooperativista;
4. Conhecimento prático do funcionamento da Cooperativa e compreensão das operações dos seus negócios;
5. Consciência de sua autoridade e responsabilidade, tanto do ponto de vista social como do legal;
6. Iniciativa e capacidade de decisão;
7. Conhecimento da legislação cooperativista vigente.

No capítulo seguinte, constrói-se um resgate da história da constituição da Cooperativa Agropecuária do Cariri Ltda., objeto desse estudo, onde se busca registrar as ações que contribuíram decisivamente para que os produtores rurais filiados à cooperativa tivessem uma elevação em sua renda familiar.

CAPÍTULO II

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DA COAPECAL

2.1 CONSTITUIÇÃO DA COOPECAL

A história da formação da Cooperativa Agropecuária do Cariri – Coapecal começou quando 20 produtores rurais que desenvolviam suas atividades pecuárias na microregião do cariri oriental paraibano, polarizada pelo município de Caturité, distante 150 Km de João Pessoa, resolveram se reunir para formalizar a constituição de uma cooperativa agropecuária que tivesse condições de atender às suas necessidades. Isso se deu oficialmente em 30.08.1997, após terem feito várias outras reuniões, e finalmente, depois de uma ampla discussão, decidiram criar a cooperativa dentro dos padrões exigidos pela Lei. 5.764/71, e a partir daquela data, já com os estatutos prontos e a ata de constituição redigida e aprovada, formalizaram os seus registros perante a Junta Comercial do Estado da Paraíba.

A criação da cooperativa tinha o claro objetivo de promover a estabilidade da atividade leiteira na região, através da instalação de uma usina de beneficiamento de leite, eliminando, dessa forma, a ação dos intermediários e, com isso, contribuindo para elevar a receita dos produtores ligados à cooperativa.

Ainda de acordo com os seus estatutos, a cooperativa visa à defesa dos interesses de seus associados, buscando proporcionar os meios de obtenção de recursos financeiros; promover o desenvolvimento da produção agropecuária da microregião do cariri paraibano; realizar o beneficiamento do leite destinado ao consumo humano; comercializar a produção de leite e seus derivados no mercado nacional; promover programas educacionais para os agentes produtores agropecuários, visando aprimorar o processo de produção e a melhoria da qualidade de vida de seus familiares e promover também programas de incentivo à implantação e ao aprimoramento no uso de novas tecnologias.

Consta nos Estatutos ainda, que à cooperativa cabe o papel de buscar ampliar a produção, maximizando a qualidade e a produtividade; tudo isso tendo como meta a elevação da renda familiar dos seus cooperados.

O capital social da cooperativa foi inicialmente constituído de R\$ 100.000,00 (cem mil reais), distribuídos em quotas-partes as quais foram subscritas pelos vinte cooperados fundadores na proporção de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) para cada cooperado.

A primeira diretoria integrante do Conselho de Administração da Coapecal estava assim constituída: Antonio de Souza Duarte, Presidente; Edílson Duarte de Melo, Gerente; Laudemiro Lopes de Figueiredo Filho, Secretário; Pedro de Brito Lira Filho e Fernando Antonio Brito Trovão como Conselheiros. Já o Conselho Fiscal estava assim formado: José

Elói de Farias, Antonio Dimas Cabral e Marcelino Trovão de Melo, como Titulares e Damião Duarte da Costa, Paulo Ernesto do Rego e José Higino Irmão, como Suplentes. Esta diretoria teve o mandato de 30.08.1997 a 30.08.2000.

A produção inicial da cooperativa, no ano de 1997, era de apenas 2.450 litros de leite diários, rotulados com a marca Leite Cariri, os quais eram comercializados nas localidades próximas à sede da Cooperativa, que fica instalada na Fazenda Bodopitá, no município de Caturité, distante apenas 1 Km da Rodovia PB-148, estrada que liga Queimadas à Boqueirão.

Já no ano seguinte em 1998, a cooperativa em busca de seu crescimento, alcançava o mercado de Campina Grande, maior centro consumidor do interior do estado da Paraíba, e já distribuía naquela praça o leite Cariri pausterizado com a marca da Coapecal.

Apesar do crescimento que apresentava a cooperativa, a mesma continuava mantendo o mesmo número de cooperados, ou seja, a mesma quantidade de cooperados fundadores. Ainda em 1999, conforme constam no livro de ata do Conselho de Administração, em reunião realizada no dia 20.09.1999, os dirigentes satisfeitos com o desempenho da cooperativa, visto que a mesma vinha cumprindo com os seus objetivos propostos quando de sua fundação, decidiram, naquela ocasião, implantar uma usina de pausterização para melhor atender às necessidades do mercado.

A cooperativa com apenas dois anos de criação já apresentava, no Balanço de 1999, um faturamento que gerou um resultado positivo de R\$ 95.340,57 (noventa e cinco mil trezentos e quarenta reais e cinquenta e sete centavos).

No ano de 2000, diante do fato de que a cooperativa tinha alcançado resultados satisfatórios superando todas as suas metas, resolveram então ampliar o seu capital social, como também ampliar as vendas de seus produtos, no mercado, e elevar o número de cooperados. Tudo isso contribuiu para que na Assembléia Geral Ordinária, realizada em 05.03.2000, os sócios decidissem reeleger os membros do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal para mais um período que iria de 05.03.2000 a 05.03.2003.

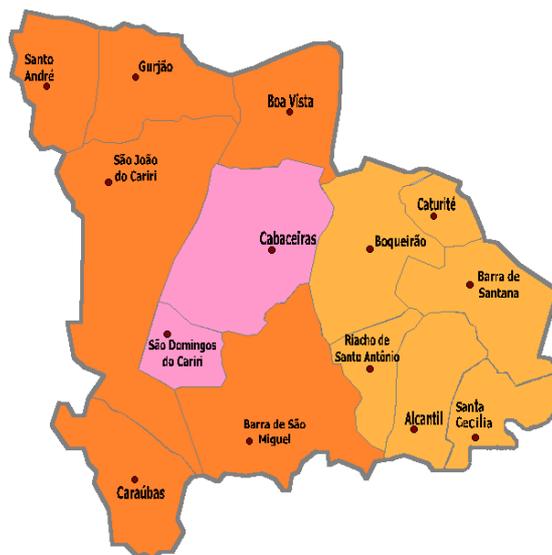
A diretoria ficou assim constituída: Antônio de Souza Duarte, Presidente; Marcelino Trovão de Melo, Diretor Secretário; Edílson Duarte de Melo, Diretor Gerente. Para Conselheiros foram eleitos Pedro de Brito Lira Filho e Vicente Eulálio Cordeiro. Já a composição do Conselho Fiscal foi feita com a indicação dos seguintes conselheiros: Antonio Dimas Cabral, Paulo Ernesto do Rego e Manoel Figueiredo Neto, como titulares e como suplentes, ficaram: José Manoel Higino Irmão, Antonio Trovão Sobrinho e Antonio Constâncio.

No ano de 2005, a cooperativa chegou a beneficiar 55.000 mil litros de leite diários que eram a sua capacidade máxima, na época, mesmo dispondo de uma capacidade de armazenagem em seus tanques de 70.000 mil litros. A partir daí, a cooperativa procurou diversificar e introduziu no mercado novos produtos com a sua marca, tais como: bebidas lácteas, iogurtes, queijos, manteiga, doce de leite, coalhadas etc.

2.2 ÁREA DE ABRANGÊNCIA

O projeto inicial da Coapecal era de abranger apenas a microrregião do cariri oriental da Paraíba, formada especialmente pelos municípios mais próximos da sede da cooperativa, que são os seguintes: Alcantil, Barra de Santana, Barra de São Miguel, Boqueirão, Cabaceiras, Caraúbas, Caturité, Gurjão, Riacho de Santo Antônio, Santo André, São Domingos do Cariri, e São João do Cariri. Os municípios de Boa Vista e Santa Cecília foram agregados para um melhor atendimento da área.

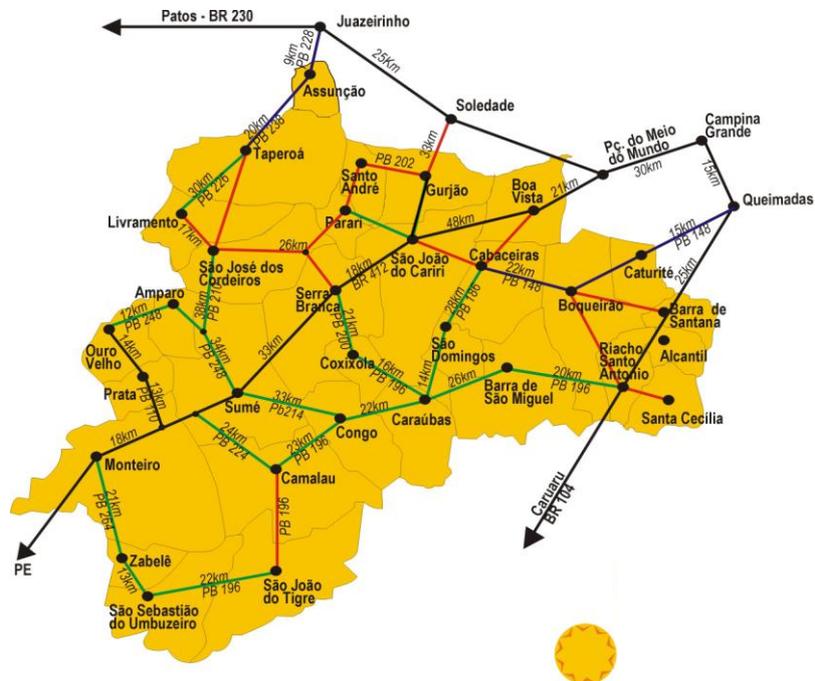
Mapa 1. Micro-região do cariri oriental paraibano.



Fonte: SEBRAE/Pb.

No entanto, devido à necessidade de expansão de seus negócios e o aumento do número de cooperados, a Coapecal hoje tem uma presença marcante também nos outros municípios do cariri ocidental, são eles: Amparo, Assunção, Camalaú, Congo, Coxixola, Livramento, Monteiro, Ouro Velho, Parará, Prata, São João do Tigre, São José dos Cordeiros, São Sebastião do Umbuzeiro, Serra Branca, Sumé, Taperoá, Zabelê. Sendo assim, a área de abrangência da cooperativa atinge um total de 31 municípios da microrregião do cariri paraibano.

Mapa 2. Micro-região do cariri paraibano.



Fonte: SEBRAE/Pb.

2.2.1 Localização geográfica

A microrregião do cariri oriental, segundo o SEBRAE (2005), está situada no semi-árido paraibano, faz parte da bacia dos rios Paraíba e Taperoá. Caracterizada como uma caatinga seca, tem abundância de vegetação xerófila, predominando o mandacaru, faxeiro,

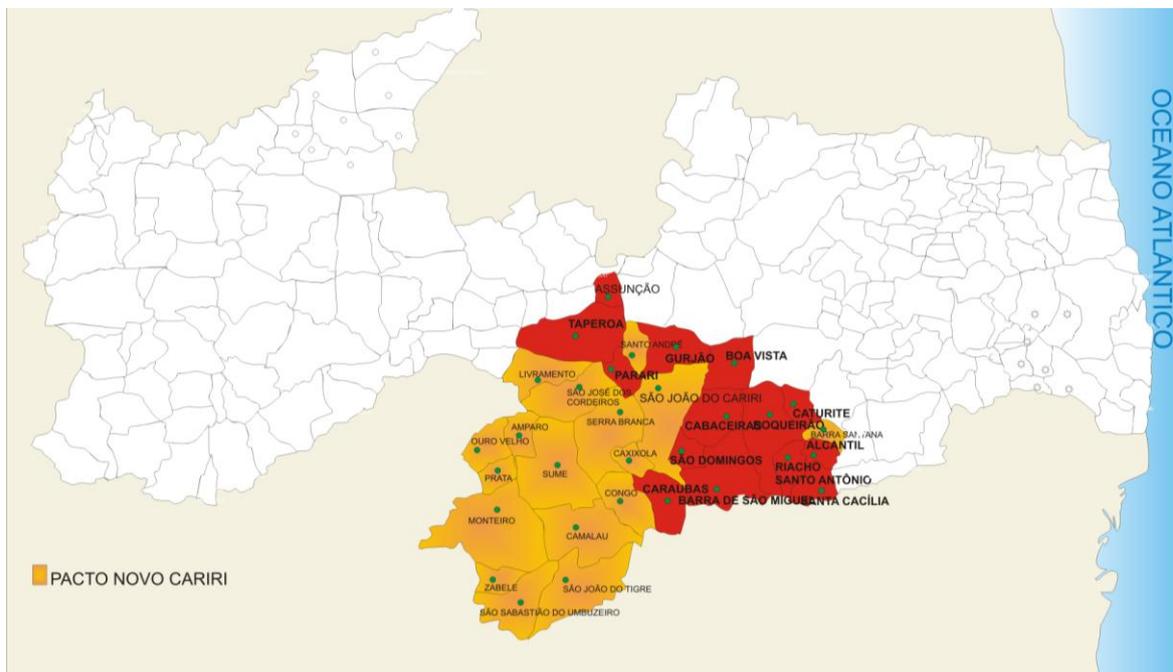
xique-xique e coroa de frade; além de bromeliáceas. Contam com cisternas naturais e berçários dos animais rasteiros ou de relva.

O Cariri situado no centro sul da Paraíba é uma região marcada por temperaturas elevadas, que beiram os 35°C, de baixa umidade, com o sol destruindo as tentativas de plantações e com pouca chuva. Os índices pluviométricos não passam os 500 mililitros por ano, já que a seca castiga pelo menos durante nove meses. Por isso, a localidade está dentro dos limites do Polígono da Seca Nordeste. IBGE (2000).

O semi-árido, segundo o IBGE (2000), representa aproximadamente 13,5% das terras do Brasil, com uma área de 11.965,40 km² e 74% da região nordeste, com população de 47.679.381 habitantes.

A região do cariri está localizada em um eixo que distancia de 180 a 300 km de João Pessoa, capital da Paraíba, através das BR's 230 e 416 (vide mapa acima), interligadas as estradas estaduais e vicinais, formando uma malha viária que atende 31 municípios.

Mapa 3. mapa do estado da Paraíba destacando a micro-região do cariri.



Fonte: SEBRAE/Pb.

Ainda de acordo com o SEBRAE (2005), o território fez parte do processo de ocupação dos sertões através da Casa da Torre, com seus currais e caminhos do gado. Nos séculos XIX e XX, ocorreu o processo civilizatório proporcionado pelos cultivos do algodão, sisal e caroá, que vieram se juntar à criação extensiva de bovinos e o do rebanho menor, a

miunça de ovinos e caprinos, criando cidades, a vida urbana, o comércio, crescimento econômico, educação e novos hábitos de consumo.

A decadência estrutural das atividades produtivas regionais por causas externas, como a substituição de produtos naturais por sintéticos, e internas como as pragas, doenças, e perda de competitividade por atraso tecnológico, ocasionaram endividamento, pobreza, êxodo e exclusão social.

A região ficou mais de uma década em estágio de estagnação e perda de suas posições relativas no cenário da economia paraibana. Como consequência, muitas propriedades ficaram improdutivas, os ocupantes e pequenos produtores exerceram ações danosas, a exemplo do uso indiscriminado da vegetação da caatinga, produzindo áreas ou acelerando processo de desertificação. SEBRAE (2005).

Os municípios citados, segundo o (IBGE, 2006), são classificados como de baixa renda estagnada, onde a população vive quase que exclusivamente da atividade pecuária, pois a escassez das chuvas é marcante impedindo outras atividades produtivas na região.

2.3 SERVIÇOS PRESTADOS

Para atender aos seus cooperados espalhados por todos esses municípios, a Coapecal montou uma infra-estrutura que inclui uma fábrica de ração equipada com misturadores de ração balanceada, possibilitando uma comercialização de 600 toneladas/mês, sendo 50% de ração balanceada e outros 50% de ração pura, para atender às necessidades dos produtores cooperados. Os preços são ainda subsidiados como forma de suprir as carências de capital de giro dos cooperados.

A Coapecal vem procurando se destacar em padrões de qualidade que é aplicado em todo o seu processo produtivo, ela foi a pioneira no Estado da Paraíba na utilização de tecnologia de processamento, beneficiamento e acondicionamento de leite e derivados, e vem adotando controle rígido sobre o leite em toda a cadeia produtiva, desde a ordenha até os pontos de venda, o que permitiu a certificação pelo Serviço de Inspeção Federal do Ministério da Agricultura, Abastecimento e Pecuária.(SIF).

Evidenciam-se as preocupações da cooperativa com as questões ligadas à sanidade dos rebanhos dos cooperados, através de campanhas educativas, vacinações, assistência técnica

veterinária, dispondo inclusive de um laboratório licenciado pelo Ministério da Agricultura, Abastecimento e Pecuária para certificar as propriedades que estão livres de doenças como a tuberculose e a brucelose.

Essa preocupação com a sanidade animal se estende desde a higienização da ordenha até encontrar as condições ideais de coleta e transporte do leite das fazendas até à sede da cooperativa, onde é feito o beneficiamento. Para realizar essas atividades, a cooperativa instalou em diversos municípios um total de 40 tanques de resfriamento, tanto de uso individual como de uso coletivo, estando todos sediados em locais estratégicos para uma melhor prestação de serviços aos seus cooperados.

2.4 – SETORES DE ATUAÇÃO DA COOPERATIVA/ PRINCIPAIS PRODUTOS

A Coapecal atua no ramo de indústria de laticínios, produzindo produtos diversos, já com reconhecida qualidade, principalmente pelo rigor estabelecido nos processos de fabricação de uma indústria de produtos alimentares.

Quadro 1 - Produtos produzidos pela Coapecal

PRODUTOS PRODUZIDOS PELA COOPERATIVA	
Leite tipo B	Queijo Manteiga
Leite tipo C	Queijo de Coalho
Leite Cabra	Manteiga
Achocolatado de Cabra	Doce de leite
Iogurte Cabra Morango	Requeijão Cremoso
Iogurte Morango	Coalhada Integral
Bebida Láctea Morango	Coalhada c/adoçante
Bebida Láctea Ameixa	
Bebida Láctea Graviola	
Bebida Láctea Salada de Frutas	

Fonte: Coapecal, ano 2006.

2.5 ASPECTOS ORGANIZACIONAIS

A Coapecal tem uma estrutura organizacional simples, porém dentro dos padrões estabelecidos para empresas do seu porte, caracteriza-se por ser uma empresa instalada praticamente na zona rural, onde é mais difícil o recrutamento de pessoas qualificadas.

A empresa emprega 140 pessoas em todos os seus setores, tais como: Escritórios, Usina de Leite, Fábrica de Rações, Laboratórios, Coleta de Leite, Transportes e Distribuição, Informática, e Comercialização.

A Coapecal além da sede no município de Caturité, dispõe de Escritórios em Campina Grande, Recife e Natal.

Quadro 2 – Número de empregados.

Setores da Cooperativa	Nº. de Empregados
Administração/Escritórios	25
Fábrica /Operacional	70
Distribuição/Comercialização	45
Total	140
Número de empregados indiretos	170
Total de empregados diretos e indiretos	310

Fonte: Coapecal, ano 2006

2.6 GESTÃO DA COOPERATIVA

A Coapecal é administrada por um Conselho de Administração, com um mandato de 03 anos, conforme reza os seus estatutos, e a eleição se dá quando da realização da Assembléia Geral Ordinária, realizada sempre até 90 dias após o encerramento do Balanço Geral da empresa.

De acordo com os Estatutos, o Conselho de Administração é formado pelo Presidente; Diretor Comercial; Diretor Industrial e um Diretor Gerente; também fazem parte dois conselheiros que podem substituir os diretores quando de suas ausências.

Na visão de Laflamme (1990, p, 50) “o Conselho de Administração ou Diretoria eleito pelos membros, em Assembléia Geral, simboliza o órgão de governo, gestão e representação da sociedade cooperativa, que tem legitimidade para representar a sociedade cooperativa em todos os assuntos de seu interesse”.

Segundo Pinho (1982 p, 141), o Conselho de Administração, eleito pelos membros da cooperativa em Assembléia Geral Ordinária, tem amplas atribuições, destacando-se as seguintes:

- a. programar as operações e serviços, estabelecendo qualidades e fixando quantidades, valores, prazos, taxas, encargos e demais condições necessárias a sua efetivação;
- b. estabelecer em instruções, sanções ou penalidades a serem aplicados nos casos de violação ou abuso cometidos contra disposição de lei, do estatuto ou das regras de relacionamento com a sociedade, que tiverem sido expedidos;
- c. determinar a taxa destinada a cobrir as despesas dos serviços da sociedade;
- d. avaliar e providenciar o montante dos recursos financeiros e dos meios necessários ao atendimento das operações e serviços;
- e. estimar previamente a rentabilidade das operações e serviços, bem como sua viabilidade;
- f. fixar as despesas de administração em orçamento anual que indique a fonte dos recursos para a sua cobertura;
- g. contratar gerente técnico ou comercial, fora do quadro social, e contador e fixar normas para a admissão e demissão dos demais empregados;
- h. fixar normas de funcionamento da cooperativa.

Para assessorar os atos do Conselho de Administração, existe, na cooperativa, o Conselho Fiscal, que tem a responsabilidade principal de fiscalizar todos os procedimentos adotados pelos gestores e, se for constatada alguma irregularidade levar o caso ao conhecimento dos cooperados nas Assembléias Geral Ordinária ou Extraordinária.

Ainda segundo Pinho (1982, p, 142), o Conselho Fiscal tem atribuições, tais como:

- a) conferir mensalmente o saldo do numerário existente no caixa;
- b) examinar se os montantes das despesas e inversões realizadas estão de conformidade com os planos e decisões do conselho de administração;
- c) verificar se as operações realizadas e os serviços prestados correspondem em volume, qualidade e valor às previsões feitas e às conveniências econômico-financeiras da cooperativa;
- d) averiguar se existe reclamações dos associados e problemas com os empregados;

- e) inteirar-se se o recebimento dos créditos é feito com regularidade e se os compromissos sociais são atendidos com pontualidade;
- f) estudar os balancetes e outros demonstrativos mensais, o balanço e o relatório anual do Conselho de Administração, emitindo parecer sobre estes para a Assembléia Geral.

O Conselho Fiscal é formado por 03 membros titulares e 03 membros suplentes, sendo necessária a renovação de 1/3 dos seus membros na Assembléia Geral Ordinária.

No organograma adotado pela cooperativa, destaca-se a Assembléia Geral como uma instância superior no processo de gestão da cooperativa. Compete à assembléia geral o poder de decidir as questões que envolvem o comprometimento patrimonial ou financeiro da empresa.

Ilustração 1. Organograma da Cooperativa.



Fonte: Estatuto da Coapecal, ano 2006.

Um fator que contribui para que a empresa se mantenha com esse patamar de crescimento é a forma como a diretoria vem se conduzindo, pois os dirigentes são reconduzidos aos seus cargos por decisão da maioria dos cooperados presentes nas

Assembléias Gerais, e essa continuidade administrativa é o que tem facilitado o processo decisório na cooperativa.

Na visão de Santos (2000, p.59), Assembléia Geral Ordinária também chamada de AGO se realiza apenas uma vez por ano, e nela são tratados os principais assuntos relacionados com o funcionamento da cooperativa, inclusive aprovação de contas; eleição para os Conselhos de Administração e Fiscal; divisão das sobras; planejamento para o exercício seguinte e o relatório anual da diretoria. A Assembléia Geral Extraordinária, denominada de AGE, pode se realizar quantas vezes que houver necessidade, desde que haja motivo para tal, mas são necessários pelo menos dez dias antes para que a mesma seja convocada por edital publicado na imprensa.

Sobre o quorum necessário para a realização dessas assembléias, Santos (2000, p. 60) afirma que” em primeira convocação são necessários 2/3 dos cooperados; em segunda convocação, metade mais um dos cooperados e finalmente em terceira e última convocação, basta apenas dez cooperados”.

2.7 EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE COOPERADOS

A Coapecal, desde a sua fundação até o ano de 2003, manteve-se com o mesmo número de cooperados; após a realização de uma parceria com o Governo do Estado da Paraíba, através do Programa do Leite, que visa atender às pessoas de baixa renda, houve necessidade de agregar centenas de novos cooperados, como pode se observar no quadro abaixo. Entre 1997 a 2003, o número de cooperados se manteve o mesmo. No entanto, em 2004, houve o ingresso de 650 novos cooperados. Ainda com reflexo dessa parceria, também em 2005 e 2006, houve aumento no quadro de cooperados.

Para melhor compreensão do quadro abaixo, considera-se inativo, aquele que mesmo sendo cooperado legalmente, não está operando diariamente com a entrega de leite e nem realizando qualquer tipo de transação de compra ou venda de produtos com a cooperativa.

Quadro 3 - Número de cooperados entre 1997 a 2006

ANO	ATIVOS	INATIVOS	TOTAL
1997	20	-	20
1998	20	-	20
1999	20	-	20
2000	20	-	20
2001	20	-	20
2000	20	-	20
2001	20	-	20
2002	20	-	20
2003	20	-	20
2004	620	50	670
2005	880	100	980
2006	900	140	1.040

Fonte: Coapecal, ano 2006.

2.8 CAPITAL SOCIAL

A constituição e evolução do capital social da Coapecal se deram de duas maneiras: a constituição na época da fundação da cooperativa, por meio da integralização de quotas por partes dos cooperados e que não sofreu nenhuma alteração entre 1997 até 2003, estabelecendo-se um montante de R\$ 100.000,00; conforme mostra o quadro abaixo.

A expansão se deu, por meio da capitalização das sobras, que é o rateio do lucro aferido ao final de cada ano, o qual é também chamado de resultado positivo. Por decisão da maioria nas Assembléias Gerais Ordinárias, a cada ano, as sobras foram incorporadas ao Capital Social, conforme demonstra o Balanço Patrimonial do ano de 2006, tendo atingido o montante de R\$ 985.039,84, e que é dividido em quotas partes.

Quadro 4 - Evolução do capital social.

ANO	Nº.de Cooperados	Capital Integralizado
1997	20	R\$ 100.000,00
1998	20	R\$ 100.000,00
1999	20	R\$ 100.000,00
2000	20	R\$ 100.000,00
2001	20	R\$ 100.000,00
2002	20	R\$ 100.000,00
2003	20	R\$ 100.000,00
2004	670	R\$ 429.491,70
2005	900	R\$ 676.507,25
2006	1.040	R\$ 985.039,84

Fonte: Coapecal, 2006.

2.9 FATURAMENTO DA COOPERATIVA

A Coapecal, nos últimos três anos, buscou ser mais atuante no mercado, conseguindo atrair novos clientes, bem como ampliar o número de itens em sua linha de produção; dessa forma, conseguiu ano a ano aumentar o seu faturamento, como pode ser observado no quadro 5.

Quadro 5 - Evolução do faturamento anual da cooperativa

ANO	FATURAMENTO EM REAIS
2003	3.739.000
2004	12.058.000
2005	18.157.000
2006	25.360.000

Fonte: Coapecal, ano 2006.

2.10 SITUAÇÃO OPERACIONAL

A Coapecal possui uma infra-estrutura considerada boa em relação as suas pretensões e ao seu ritmo de crescimento, mas pode-se dizer que é regular, diante das demandas e das suas potencialidades de agregação de um número bem superior de cooperados, o que iria contribuir com mais eficácia no processo de desenvolvimento de toda a região do cariri paraibano.

A infra-estrutura básica é formada por uma indústria equipada para processar até 55 mil litros de leite dia, além de uma variada produção de derivados do leite, conforme se demonstra no quadro 6.

Quadro 6 - Demonstrativo da produção anual da coapecal

PRODUTO	UNID	CAPACIDADE INSTALADA	PRODUÇÃO EFETIVA	% FAT
LEITE PAUSTEURIZADO				
Leite tipo B	L	16.500.000	1.249.516	6,38
Leite tipo C	L		1.336.020	6,02
Leite tipo C FOME ZERO	L		10.107.324	57,5 2
Leite de Cabra	L	652.000	6.948	0,06
Leite de Cabra FOME ZERO	L		633.924	5,02
BEBIDAS LÁCTEAS E IOGURTES				
Bebida Láctea Morango	KG	1.000.000	956.808	9,47
Bebida Láctea Ameixa	KG	450.000	413.832	4,10
Iogurte Morango	KG	175000	170.784	2,05
Iogurte Cabra morango	KG	230000	226.164	2,12
Achocolatado cabra	KG	35000	34.236	0,32
OUTROS DERIVADOS				
Queijo Manteiga	KG	32000	30.444	1,21
Coalhada Integral	KG	18000	16.344	0,29
Coalhada c/adoçante	KG	26000	24.516	0,46
Manteiga	KG	92000	90.840	2,92
Doce de leite	KG	38000	35.916	0,76
Requeijão cremoso	KG	35000	33.372	1,30
TOTAL				100

Fonte: Coapecal, ano 2006

A Cooperativa possui uma infra-estrutura física com algumas deficiências, mas que não prejudica a prestação de serviços aos seus cooperados, considerando que ela dispõe de 14

veículos coletando o leite nas propriedades de seus cooperados e mantém outros 45 veículos no processo de distribuição e comercialização de sua produção.

2.11 PROCESSOS PRODUTIVOS DA COOPERATIVA

Os processos produtivos da cooperativa estão sendo melhorados continuamente, no intuito de atender quantitativamente o ritmo de absorção de novos cooperados, gerando assim novas demandas e também em virtude das exigências do mercado.

Observou-se que devido à limitação de recursos, a cooperativa vem adaptando sua capacidade instalada de forma não planejada estrategicamente, resultando em um crescimento desordenado. Percebe-se que cada ação implementada resulta em novas demandas em outros setores integrados aos processos. Dessa forma, será necessário ampliar e modernizar a capacidade produtiva para que a cooperativa continue beneficiando de forma crescente os produtores da região.

Os processos produtivos da Coapecal têm sido melhorados constantemente. Os principais mecanismos de garantia de qualidade são aplicados em seus processos de produção, especialmente aqueles relacionados com a sanidade dos produtos, conforme atesta o SIF – Serviço de Inspeção Federal do Ministério da Agricultura, Abastecimento e Pecuária, que freqüentemente fiscaliza a fábrica.

2.12 PROCESSOS DE COMERCIALIZAÇÃO

Percebe-se que os processos de comercialização da cooperativa se apresentam com limitações tanto de ordem técnica como de ordem estrutural. A Coapecal tem um mercado com abrangência nos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Exige a necessidade de mais veículos equipados para transportar os produtos num ambiente refrigerado, além de pontos de apoio adequados para armazenar os produtos que serão comercializados.

Os processos de comercialização são adequados à natureza e porte do empreendimento, mas para expandir esse processo haverá necessidade de novos investimentos tanto em transportes como em instalações físicas.

2.13 MERCADO CONSUMIDOR

O mercado consumidor dos produtos da Coapecal é constituído pelo mercado institucional formado pelo Governo do Estado da Paraíba, através do Programa do Leite, Escolas Públicas através da merenda escolar que somados atingem 20% da produção comercializada. Redes de supermercados e mercadinhos nos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Quadro 7 - Demonstrativo dos consumidores da Coapecal

LINHAS DE PRODUTOS	DESTINO / MERCADO	%
LEITE PAST TIPO B – PROGRAMA FOME ZERO	Governo do Estado da Paraíba	72
LEITE PAST TIPO B E C	Comércio Varejista da Paraíba	28
IOGURTE / ACHOCOL CABRA – ALIM ESCOLAR	Convênio CONAB	100
BEBIDAS LÁCTEAS	Redes de Supermercados – Recife	15
IOGURTES	Mercadinhos – PB, RN e PE	60
QUEIJOS E REQUEIJÃO	Panificadoras – PB e RN	10
DOCES	Outros Mercados	15
COALHADAS		
MANTEIGA		

Fonte: Coapecal, ano 2006

2.14 MERCADO FORNECEDOR

O mercado fornecedor da Coapecal é formado pelos seus cooperados que fornecem o leite, além dos fornecedores de polpas de frutas, açúcar, embalagens e outras matérias primas. A origem é quase toda da região Nordeste, apenas as embalagens são produzidas no Sul do País.

Quadro 8 - Fornecedores de matéria-prima da Coapecal

TIPO DE MATÉRIA PRIMA E MATERIAL	FORNECEDORES (último exercício – Ano 2005)	%
LEITE IN NATURA	Produtores Cooperados	64
POLPA DE FRUTAS	MILK	8
AÇUCAR	Mercado Atacadista Local – Campina Grande - PB	10
EMBALAGENS	IPIL	8
OUTRAS MATÉRIAS PRIMAS E MATERIAIS	Fornecedores Diversos	10

Fonte: Coapecal, ano 2006.

2.1.5 SITUAÇÃO ESTRATÉGICA DA COOPERATIVA

A Coapecal tem alcançado, nos últimos exercícios, resultados crescentes como consequência dos seus constantes investimentos, entrada em novos mercados e ampliação do número de cooperados. Baseado nessa constatação e na potencialidade da região para a produção de leite, atendendo atualmente 60 municípios, e também nos níveis de qualidade dos produtos que vêm sendo alcançados, e ainda, as demandas do Programa do Leite da Paraíba, considera-se que a Coapecal visualiza um ritmo crescente estável, devido aos seus investimentos feitos nos últimos anos.

Além dos aspectos externos favoráveis, percebe-se que a Coapecal vem sendo administrada com profissionalismo, procurando a modernização das técnicas gerenciais, ficando claro que existe compromisso dos seus dirigentes com o sucesso do empreendimento.

A maior ameaça que sofre a Coapecal é a possibilidade das reduções de demandas em virtude de instabilidade climáticas da região, entretanto, a cooperativa já vem há algum tempo prospectando novos fornecedores de forma que os níveis de produção não sejam afetados.

No entanto, para compensar essa ameaça, a própria cooperativa cuidou de instalar uma fábrica de ração para fornecer esse produto aos cooperados quando das instabilidades climáticas e ainda permitindo que o pagamento pelo fornecimento dessa ração, seja descontado na entrega do leite pelo cooperado.

Várias outras ações foram implementadas visando atender às necessidades dos cooperados, dentre elas: incentivo ao melhoramento genético do rebanho dos cooperados; instalação de laboratório para aferir a qualidade do leite produzido, e estímulo ao controle sanitário, através de campanhas de conscientização e orientação na vacinação dos rebanhos.

CAPÍTULO III

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo detalha os aspectos metodológicos adotados no desenvolvimento deste trabalho, tais como método: conceitos e técnicas, que foram utilizados e que viabilizaram o estudo sobre o Cooperativismo: uma alternativa viável pela elevação da renda familiar na microrregião do cariri oriental paraibano.

O método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para alcançar um propósito. “Nas ciências, entende-se por método o conjunto de processos que o espírito humano deve empregar na investigação e demonstração da verdade”. (Cervo, 1996: 44). O processo está subordinado ao método e, é a técnica da aplicação do método e depende do objetivo da investigação.

A pesquisa sempre parte de um problema, de uma interrogação. Segundo Gil (1989, p.19), a pesquisa é o “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas propostos”. Dessa forma, ela procura responder sistematicamente às necessidades de conhecimento de certo fenômeno observável que permita explicá-lo ou compreendê-lo. Em função do problema desta pesquisa, de caráter exploratório, da população pesquisada, dos pressupostos teóricos, utilizaram-se os seguintes procedimentos metodológicos:

3.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA PESQUISA

A pesquisa é uma atividade voltada para o estudo da solução de problemas, através do emprego de processos científicos. “A Pesquisa parte, pois, de uma dúvida ou problema, e com o uso de método científico, busca-se uma resposta ou solução”. (Cervo, 1996; 44).

O modelo adotado foi o de estudo de caso baseado numa Pesquisa Exploratória, que segundo Triviños (1987, p.110-111), “*Estes estudos têm por objetivo aprofundar a descrição de determinada realidade*”. O referente autor ainda afirma: “*No estudo de caso os resultados são só válidos para o caso que se estuda*”. Procura-se, neste trabalho, adotar um estudo descritivo de caráter exploratório. Gil (1991) afirma que um estudo pode ser exploratório, porque permite ao investigado aumentar sua experiência em torno de um problema específico, aprofundando seus estudos nos limites da realidade. Buscar antecedentes e maiores conhecimentos para em seguida planejar a pesquisa descritiva.

Segundo Vergara (2003, p. 8), *“A pesquisa exploratória é processada em uma área considerada de pouco conhecimento acumulado e sistematizado. Assim, esta pesquisa é considerada exploratória [...]”*

Mattar (1966, p.80) afirma que: *“A pesquisa exploratória visa prover o pesquisador de um maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em perspectiva”*.

Este trabalho visa comprovar se houve elevação da renda familiar dos cooperados da Cooperativa Agropecuária do Cariri – Coapecal, na microrregião do cariri oriental paraibano. Considera-se essa pesquisa do tipo exploratória, por não se ter sido encontrada nenhuma pesquisa referente ao tema.

Bervian (2002, p.69) afirma que *“Os estudos exploratórios não elaboram hipóteses a serem testadas no trabalho, restringindo-se a definirem objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo.”*

A pesquisa exploratória é o impulso para um estudo mais aprofundado, onde os dados poderão ser utilizados como instrumentos de auxílio para a definição de metas e objetivos da empresa.

Utiliza-se, neste estudo, o método quantitativo por este mensurar as variáveis preestabelecidas e definidas. Para Oliveira (1977), o método quantitativo é muito utilizado no desenvolvimento das pesquisas descritivas. Neste caso, o caráter descritivo coaduna com o método quantitativo para auxiliar na consecução da mensuração de um diagnóstico vista aos objetivos descritos da pesquisa, tomando como base a tipologia adotada por Quinn e Kimberly In Moraes (2006), razão pela qual foi escolhido esse método.

Tratando-se de um estudo quantitativo, foi feito uso de um plano estabelecido com variáveis operacionalmente definidas para a investigação do fenômeno a ser analisado. Segundo Richardson (1985), ao se definir a natureza das variáveis, deve-se distinguir o uso das técnicas estatísticas. Tais procedimentos se aplicam, em especial, a estudos descritivos, em que se procura descobrir e classificar a relação entre variáveis.

Ainda Richardson (1985) acrescenta que, a princípio, o método quantitativo tem intenção de garantir a precisão dos resultados, evitando assim distorções de análise e interpretação e possibilitando uma margem de segurança quanto às inferências. Já na percepção de Goldemberg (1999, p. 49), *“os métodos quantitativos supõem uma população de objetos comparáveis”*.

Desse modo, considerando que a pesquisa trata de um levantamento para identificar se o cooperativismo é realmente uma alternativa viável para elevação da renda familiar na microrregião do cariri oriental paraibano, o estudo tem caráter comparativo, o qual justifica

também a escolha de uma abordagem quantitativa para a pesquisa. De acordo com Gil (1991), as pesquisas de levantamento caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas, cujo acompanhamento se deseja conhecer.

3.1.1 Local de estudo

A pesquisa foi realizada em 10 municípios da microrregião do cariri oriental da Paraíba, notadamente nos municípios de: Alcantil, Barra de Santana, Barra de São Miguel, Boa Vista, Boqueirão, Caturité, Gado Bravo, Gurjão, São João do Cariri e Santa Cecília.

Em Caturité, na Fazenda Bodopitá, onde fica a sede da cooperativa, foram aplicados nove questionários dentre os 20 cooperados considerados fundadores.

Em Boa Vista, o questionário foi aplicado junto a 11 cooperados que entregam o leite no tanque de resfriamento, localizado na área urbana da cidade, e que distam 79 km da sede da cooperativa, o qual tem capacidade de armazenar uma média de 2000 mil litros/dia;

No município de Gurjão, onde existe um tanque de resfriamento de leite com capacidade de recepção de 5000 litros/dia, o qual está instalado no centro da cidade, e distante 121 km da sede da cooperativa, foram aplicados também 15 questionários;

Em São João do Cariri, os 15 questionários foram aplicados na recepção do leite, quando de sua chegada, no tanque de resfriamento com capacidade para 2000 mil litros/dia, e que fica no perímetro urbano, mas distante 112 km da sede da cooperativa;

No município de Gado Bravo, também foram aplicados 14 questionários, dessa feita na zona rural, no sítio denominado de Gado Bravo II, distante 61 km da sede da cooperativa, onde está instalado um tanque de resfriamento de leite, com capacidade para 6000 litros/dia;

Em Alcantil, estão instalados dois tanques de resfriamento de leite, na zona rural, na Fazenda Neves, distante 22 km da sede do município e tem capacidade para 1.000 e 2000 litros/dia, respectivamente, e lá foram aplicados 15 questionários junto aos cooperados quando da entrega do leite. O local está distante 69 km da sede da cooperativa;

Na sede do município de Santa Cecília, está instalado um tanque de resfriamento de leite com capacidade para 4.000 litros/dia, o qual está distante 118 km da sede da cooperativa, e lá foram aplicados 15 questionários;

Já em Barra de São Miguel, distante 89 km da sede da cooperativa, o tanque de resfriamento de leite, fica na área urbana do município e tem capacidade de armazenar 2.000 litros/dia, e lá foram aplicados também 11 questionários;

No município de Barra de Santana distante 35 km da sede da cooperativa, está instalado um tanque de resfriamento de leite, na zona rural, no sítio Mulungú, a 6 km da sede do município, o qual tem capacidade de armazenagem de 2.000 litros/dia e nesse local foram aplicados também 15 questionários;

Finalmente o município de Boqueirão, por ser o de maior densidade demográfica e possuir uma bacia leiteira expressiva, além de agregar o maior contingente de cooperados e também pelo fato de Caturité ter sido emancipado daquele município. Ali foram aplicados 67 questionários em três comunidades rurais diferentes: Distrito do Marinho, Sítio Tanques e Sítio Pernas.

No distrito do Marinho, distante 42 quilômetros da sede do município de Boqueirão, foram aplicados 25 questionários, pois lá está instalado um tanque de resfriamento de leite com capacidade de armazenagem de 1000 litros/dia, e é, nesse local, onde diariamente os cooperados se dirigem para armazenar o leite produzido em suas propriedades.

No sítio Tanques, distante 47 quilômetros da sede do município, foram aplicados 37 questionários, pois, no local, encontram-se instalados dois tanques de resfriamento de leite, um com capacidade de 1500 litros/dia e o outro com capacidade de 1000 litros/dia.

No sítio Pernas, distante 35 quilômetros da sede do município, foram aplicados 05 questionários. No local, está instalado mais um tanque de resfriamento de leite, com capacidade para 1000 litros/dia.

Quadro 9 – Municípios/Comunidades abrangidos pela pesquisa

N.	Município	Comunidade	KM	Nº.
			Cooperativa	Cooperados
01	ALCANTIL	Fazenda Neves do Jucá	69	15
02	BARRA DE SÃO MIGUEL	Zona Urbana	89	11
03	BARRA DE SANTANA	Sítio Mulungú	35	15
04	BOQUEIRÃO	Distrito do Marinho	42	25
05	BOQUEIRÃO	Sítio Tanques	47	37
06	BOQUEIRÃO	Sítio Pernas	35	05
07	BOA VISTA	Zona Urbana	79	11
08	CATURIÉ	Fazenda Bodopitá	-	09
09	GADO BRAVO	Sítio Gado Bravo II	61	14
10	GURJÃO	Zona Urbana	122	15
11	SÃO JOÃO DO CARIRI	Zona Urbana	113	15
12	SANTA CECÍLIA	Zona Urbana	96	15
		TOTAL		187

Fonte: Coapecal, ano 2006.

A escolha desses municípios, das comunidades e do distrito se deu mais pelas condições de acessibilidade aos locais, o que em muito facilitaria o trabalho de coleta dos dados pesquisados.

3.2 UNIVERSO E AMOSTRA

3.2.1 Universo

Segundo Gil (1995:91-92), “Universo ou população é um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características [.....}”.

A população considerada nesta pesquisa, reporta-se aos 900 cooperados da Cooperativa Agropecuária do Cariri – Coapecal, considerados ativos, ou seja, aqueles que diariamente mantêm relacionamento com a empresa, ora entregando leite produzido em sua propriedade, ora adquirindo insumos, tais como ração ou medicamentos veterinários comercializados pela cooperativa.

Segundo Vergara (2003, p, 48), população é “[...] *um conjunto de elementos que possuem as características que serão o objeto de estudo*”.

3.2.2 Amostra

Na visão de Gil (1995:91-92), “amostra é o subconjunto do universo ou da população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo ou população”.

Segundo a Wikipedia (2007), “Amostra é um subconjunto de elementos pertencentes a uma população”. A informação recolhida para uma amostra é depois generalizada a toda a população.

Para selecionar a amostra, optou-se pelo tipo de amostragem por acessibilidade, que constitui o menos rigoroso de todos os tipos de seleção, não sendo necessário rigor estatístico.

A amostragem por “acessibilidade”, de acordo com Vergara (2003, p.51), “longe de qualquer procedimento estatístico seleciona elementos pela facilidade de acesso a eles”. A amostra conta com a participação de 187 cooperados, representando, assim, aproximadamente 20,7%, considerando representativo nessa situação específica.

O número de cooperados selecionados para participar da pesquisa, permitiu a realização do estudo com resultado satisfatório.

3.3 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

Na visão de Köche (1979, p, 54), “variáveis são aqueles aspectos, propriedades ou fatores, mensuráveis ou potencialmente mensuráveis, através dos valores que assumem, discerníveis em um objeto de estudo”. Para efeito desta pesquisa foram investigadas as seguintes variáveis:

3.3.1 Perfil socioeconômico dos cooperados

- Faixa Etária
- Grau de Instrução
- Condições de Habitação
- Número de Membros da Família
- Época de Ingresso na Cooperativa
- Renda Média Mensal
- Aquisição de Bens de Consumo

3.3.2 Aspectos relacionados com a propriedade

- Área da Propriedade
- Condições de Posse
- Distância da Propriedade em Relação à Cooperativa

- Infra-estrutura Disponível
- Disponibilidade de Mão de Obra
- Condições de Acesso

3.3.3 Aspectos relacionados com a atividade pecuária

- Tipo de Atividade
- Quantidade de Animais Produzindo leite
- Sistema de Reprodução Animal
- Processo de Ordenha
- Produção Mensal de Litros de Leite
- Controle Sanitário: Uso de Vacinação e Exame de Sangue do Animal
- Emprego de Profissionais na Assistência Técnica

3.4 TÉCNICAS E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Utilizou-se um questionário (apêndice A), contendo 23 (vinte e três) questões fechadas o qual foi aplicado junto aos cooperados durante o período da pesquisa.

Para Vergara (2003, p. 52) *“na coleta de dados, o leitor deve ser informado como você pretende obter os dados de que precisa para responder ao problema. O Questionário caracteriza-se por uma série de questões apresentadas ao correspondente por escrito”*.

Para Barros e Lehfeld (2001: 48), o instrumento de pesquisa deve preencher os seguintes requisitos:

1. **Validade:** O instrumento deve medir o que se deseja;
2. **Confiabilidade:** refere-se à consistência, ou seja, quando é aplicado repetidamente obtêm-se resultados iguais;

3. **Precisão:** traduz-se concretamente quando se localiza e configura com exatidão satisfatória o fenômeno estudado.

Na elaboração do questionário, buscou-se contemplar questões que pudessem aferir se realmente houve elevação na renda familiar dos cooperados, para isso, o questionário continha questões que caracterizavam o seu perfil socioeconômico, tais como: Dados Pessoais, Família, Trabalho, Habitação, Educação, Transporte, Produção, Saúde, e Lazer/Atividades Sócio-Culturais.

3.5 PRÉ-TESTE

Após ter sido elaborado como instrumento de pesquisa, o questionário foi aplicado como um pré-teste ou teste preliminar, junto a cooperados voluntários, para atuarem como juízes. Para este pré-teste, levou-se em consideração o que diz Pasquali (1999, p.54) "uma meia dúzia de juízes será suficiente para realizar esta tarefa". Segundo ainda Markoni e Lakatos (1990, p. 29), "em geral, é suficiente realizar a mensuração em 5 ou 10% do tamanho da amostra". Seguindo esta orientação, foi feita, aleatoriamente, uma seleção de cinco cooperados voluntários que fizeram parte do processo de criação da cooperativa, pois isso iria permitir uma melhor compreensão daquilo que estava sendo abordado em suas perguntas. Esses voluntários tiveram a função de verificar se todos os itens seriam compreensíveis para todos os membros da população a qual o instrumento seria aplicado, bem como a pertinência e suficiência para atingir os objetivos da pesquisa.

A aplicação do pré-teste foi feita diretamente pelo pesquisador no período entre 15 e 20 de abril de 2007, e tinha como objetivo detectar possíveis inconvenientes, eliminar equívocos e ambigüidades, e escolher a formulação mais adequada das perguntas para a finalidade da pesquisa.

Para Pasquali (1999), uma concordância de pelo menos 80% entre estes juízes selecionados, serviria de critério de decisão sobre a pertinência dos itens avaliados que compõe o questionário.

Após a aplicação do pré-teste, diante dos resultados, foram procedidas as correções em apenas 05(cinco) questões e posteriormente foi aplicado o questionário nos demais pesquisados.

3.6 COLETA DE DADOS

Para proceder à coleta dos dados foi feito um contato com os dirigentes da Cooperativa Agropecuária do Cariri – Coapecal, para que fosse permitido o acesso aos documentos da cooperativa, bem como a pesquisa de campo, junto aos cooperados, utilizando o questionário como instrumento de coleta de dados.

Para alcançar o objetivo da pesquisa, *“a coleta de dados é a fase da pesquisa que tem por finalidade obter informações pertinentes à realidade estudada. Nesta etapa, seleciona-se, de acordo com o tipo de informação que se deseja obter, o instrumento de pesquisa e o modo de aplicação mais apropriado”* (RUDIO, 1999 apud CARVALHO, 2000, p.104).

Como não houve nenhuma objeção por parte da diretoria da cooperativa, a coleta de dados se deu no período de 01 a 31 de maio e de 10 a 30 de agosto de 2007. O próprio pesquisador foi o responsável pela aplicação do questionário, que sofreu correção após ter sido pré-testado, tendo sido adequado às exigências das variáveis pesquisadas.

O pesquisador antes explicava aos cooperados que aquele questionário serviria de base para o desenvolvimento de um trabalho acadêmico, garantindo o sigilo quanto à identificação dos pesquisados e a importância da veracidade das respostas, pois na visão de Marconi e Lakatos (1996, p. 84) a técnica de entrevista é: *“...o instrumento por excelência da investigação social”*, assim, permite que as respostas obtidas sejam comparadas e analisadas entre os sujeitos, conduzindo desta forma, a atingir as hipóteses apresentadas no projeto.

3.7 TÉCNICA DE TRATAMENTO DE DADOS

Para fins de análise dos dados quantitativos, coletados na pesquisa, os resultados dos questionários aplicados foram processados em um banco de dados eletrônico, com o uso do programa Microsoft Excel, o qual forneceu frequência absoluta e percentual, possibilitando a interpretação e análise dos dados, que foram agrupados e processados utilizando-se a estatística descritiva e apresentados sob forma de tabelas e gráficos.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A Coapecal foi constituída em 1997, na zona rural de Caturité, município que dista 150 km de João Pessoa e está situado na mesorregião da Borborema, mais precisamente na microrregião do cariri oriental da Paraíba, com uma população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE (2006) em 4.473 habitantes, e com uma unidade territorial de 118,089 Km² e uma densidade demográfica de 37,9 hab/ Km². A cooperativa foi inicialmente formada por 20 produtores rurais que atuavam com o fornecimento de leite in natura, visto ser aquela região uma expressiva bacia leiteira do estado da Paraíba, contribuindo com a produção anual de 2.287 mil litros de leite.

4.2 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS COOPERADOS

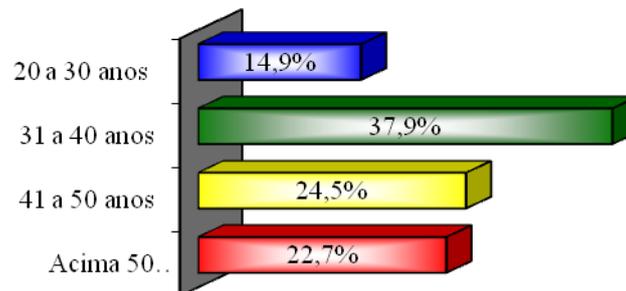
4.2.1. Faixa etária dos cooperados

Tabela 4.2.1. Distribuição de frequência dos cooperados quanto à faixa etária

Faixa etária	n	%
20 a 30 anos	28	14,9
31 a 40 anos	70	37,9
41 a 50 anos	46	24,5
Acima 50 anos	43	22,7
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Segundo a distribuição de frequência apresentada na tabela 4.2.1, quanto à faixa etária, 28, ou 14,9% dos cooperados pesquisados têm entre 20 e 30 anos; 70, ou 37,9% estão inseridos na faixa compreendida entre 31 e 40 anos; 46, ou 24,5% estão com 41 a 50 anos; e finalmente 43, ou 22,7% dos cooperados pesquisados atingiram a idade superior a 50 anos. Observamos que não existe nenhuma disparidade entre os integrantes das quatro faixas etárias pesquisadas, (ver gráfico 4.2.1.).

Gráfico 4.2.1. Cooperados quanto à faixa etária.

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.2.2 Grau de instrução dos cooperados

Tabela 4.2.2. Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao grau de instrução.

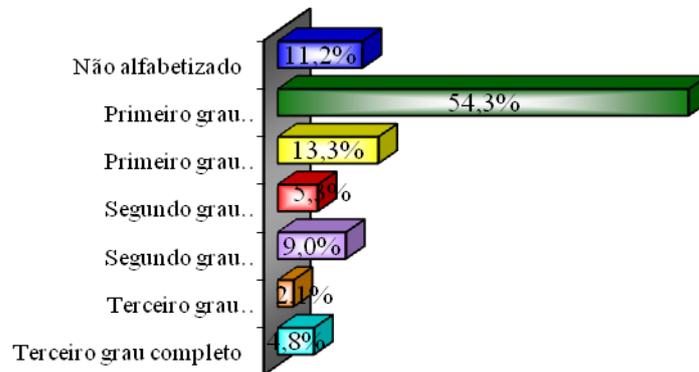
Grau de instrução	n	%
Não alfabetizado	21	11,2
Primeiro grau incompleto	101	54,3
Primeiro grau completo	25	13,3
Segundo grau incompleto	10	5,3
Segundo grau completo	17	9,0
Terceiro grau incompleto	04	2,1
Terceiro grau completo	09	4,8
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Conforme a distribuição de frequência apresentada na tabela 4.2.2, quanto ao grau de instrução; 21, ou 11,2% dos cooperados pesquisados não são alfabetizados; 101, ou 54,3% dos pesquisados têm o primeiro grau incompleto; 25, ou 13,3% afirmam ter o primeiro grau completo; 10, ou 5,3% não concluíram o segundo grau; 17, ou 9,0% dos pesquisados possuem o segundo grau completo; 04, ou 2,1% não concluíram o terceiro, enquanto que 09, ou 4,8 % são possuidores do diploma de terceiro grau completo. Entretanto, percebe-se que a população rural ainda tem um baixo grau de instrução, pois continua carente de uma educação formal,

pois se constata que 101, ou (54,3%) dos cooperados pesquisados não chegaram a concluir o primeiro grau. (ver gráfico 4.2.2.).

Gráfico 4.2.2. Cooperados quanto ao grau de instrução.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.2.3 Condições de habitação dos cooperados

Tabela 4.2.3. Distribuição de freqüência dos cooperados quanto ao local de habitação.

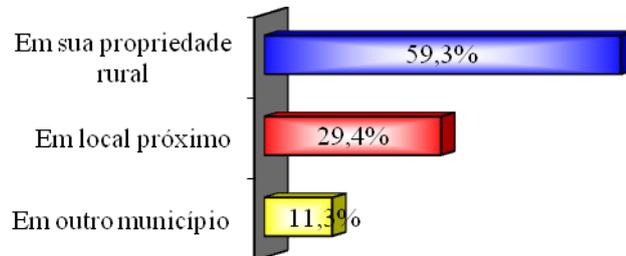
Local de Habitação	n	%
Em sua Propriedade Rural	111	59,3
Em local Próximo	55	29,4
Em outro Município	21	11,3
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Conforme a distribuição de freqüência apresentada na tabela 4.2.3; 111, ou 59,3% dos cooperados pesquisados residem em sua propriedade; 55, ou 29,4% moram em local próximo a sede da cooperativa; e apenas 21, ou 11,3% têm residência em um outro município que não o da sede da cooperativa. Diante disso percebe-se a importância do aumento da renda familiar

dos cooperados, pois ao todo, 111, ou 59,3% estão fixados em suas propriedades, (ver gráfico 4.2.3.).

Gráfico 4.2.3. Cooperados quanto ao local de residência.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

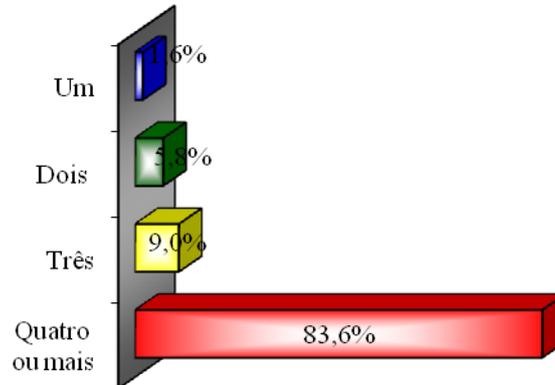
4.2.3.1 Número de cômodos na moradia dos cooperados

Tabela 4.2.3.1. Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao número de cômodos na sua moradia.

Número de Cômodos	n	%
Um	03	1,6
Dois	11	5,8
Três	17	9,0
Quatro ou mais	156	83,6
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Segundo a distribuição de frequência apresentada na tabela 4.2.3.1, apenas 03, ou 1,6% dos cooperados pesquisados informaram que as suas casas dispõem de apenas um cômodo, enquanto 11, ou 5,8% moram em casas que dispõem de dois cômodos, Já 17, ou 9,0% moram em casas com três cômodos. A grande maioria, ou seja, 156 ou 83,6% informaram que moram em casas com quatro ou mais cômodos. Isso possibilita dizer que os cooperados preferem dispor de bastante espaço em suas casas de moradia. (ver gráfico 4.2.3.1.).

Gráfico 4.2.3.1. Cooperados quanto ao número de cômodos na sua moradia.

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

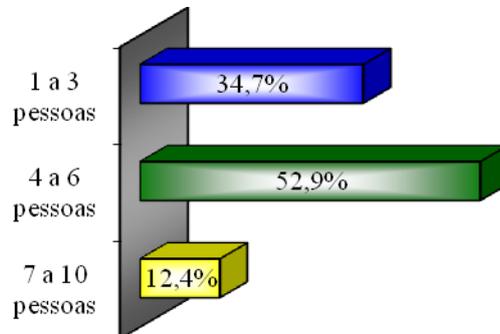
4.2.4 Número de membros na família dos cooperados

Tabela 4.2.4. Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao número de pessoas morando com a família.

Número de pessoas	n	%
1 a 3 pessoas	65	34,7
4 a 6 pessoas	99	52,9
7 a 10 pessoas	23	12,4
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Analisando a distribuição de frequência apresentada na tabela 4.2.4, percebe-se que 65, ou 34,7% dos cooperados pesquisados declararam que o número de pessoas morando com a família é de 01 a 03 pessoas; 99, ou 52,9% dos pesquisados têm de 04 a 06 pessoas morando em suas casas; apenas 23, ou 12,4% declararam que moram em suas casas de 07 a 10 pessoas. Com esses dados, constata-se que 164, ou 87,6% dos cooperados têm morando em suas casas uma média de 01 a 06 pessoas, (ver gráfico 4.2.4.).

Gráfico 4.2.4. Cooperados quanto ao número de pessoas morando com a família.

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

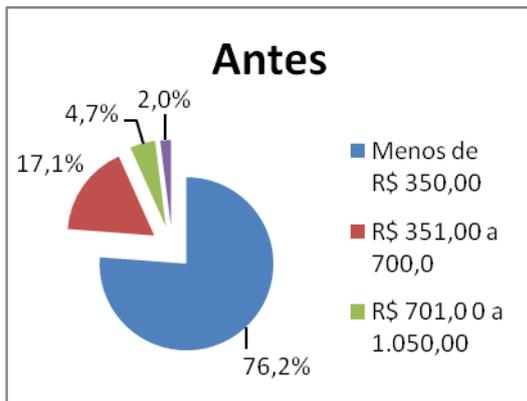
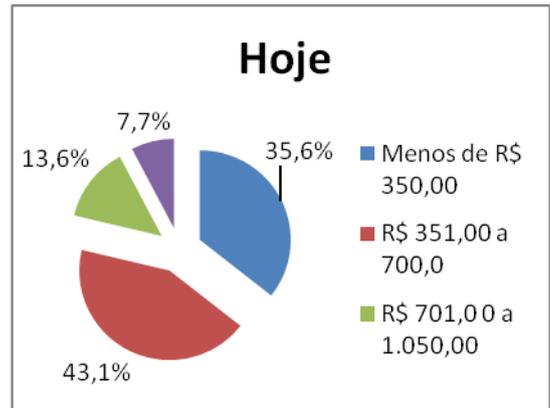
4.2.5 Renda média mensal dos cooperados

Tabela 4.2.5. Distribuição de freqüência dos cooperados quanto à renda média mensal.

Renda Média Mensal	Antes		Hoje	
	n	%	n	%
Menos de R\$ 350,00	141	76,2	57	35,6
R\$ 351,00 a 700,00	36	17,1	87	43,1
R\$ 701,00 a 1.050,00	07	4,7	32	13,6
Acima de R\$ 1.051,00	03	2,0	11	7,7
Total	187	100,0	187	100,0

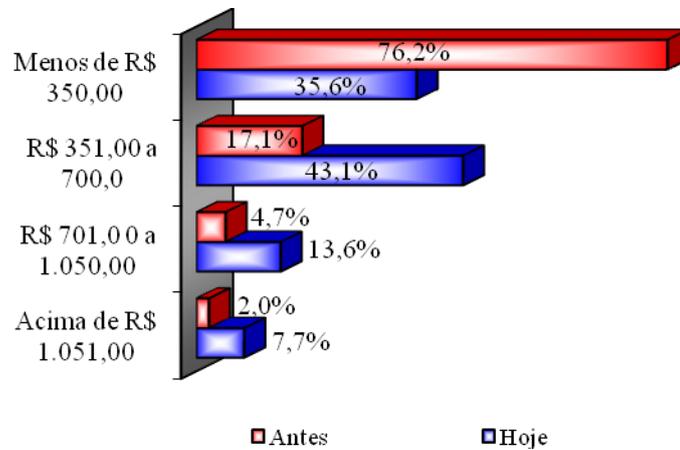
Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

De acordo com a distribuição de freqüência apresentada na tabela 4.2.5; 141, ou 76,2% dos cooperados pesquisados tinham antes de ingressar na cooperativa uma renda mensal de até R\$ 350,00; 36, ou 17,1% enquadravam-se na faixa entre R\$ 351,00 e R\$ 700,00; 07, ou 4,7% estavam na faixa de renda entre R\$ 701,00 e R\$ 1.050,00 e 03, ou 2,0% superavam a faixa de R\$ 1.051,00. Pode-se dizer que a maioria ou 177 (93,3%) dos pesquisados se encontravam na faixa de renda de até R\$ 700,00. (Ver Gráfico 4.2.5.)

Gráfico 4.2.5 Renda média mensal antes**Gráfico 4.2.5** Renda média mensal antes
Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.**Gráfico 4.2.5.1** Renda média mensal hoje**Gráfico 4.2.5.1** Renda média mensal hoje
Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Analisando os números, nos dias de hoje, constata-se que 57, ou 35,6% dos pesquisados se encontram na faixa de renda mensal de até R\$ 350,00; Na faixa seguinte 87, ou 43,1% dos pesquisados estão na faixa de R\$ 351,00 e R\$ 700,00; um número de 32, ou 13,6 % dos pesquisados se encontram na faixa de renda de R\$ 701,00 e R\$ 1.050,00; Finalmente 11, ou 7,7% dos pesquisados atingiram a faixa de renda mensal acima de R\$ 1.051,00; (**Ver Gráfico. 4.2.5.1.**)

Após essa análise, constata-se que houve elevação na renda mensal dos cooperados pesquisados, pois antes de ingressar na cooperativa, 177, ou 94,3% dos pesquisados se encontravam na faixa de renda mensal até R\$ 700,00. Hoje o número de cooperados, nessa faixa, caiu para 144, ou 78,7% dos pesquisados. Enquanto isso, aumentou de 07, ou, 4,7% para 32, ou 13,6% dos cooperados que estavam na faixa entre R\$ 701,00 a R\$ 1.050,00. Idêntica situação aconteceu com os cooperados que estavam na faixa acima de R\$ 1.051,00, que cresceu de 03, ou, 2,0% para 11, ou 7,7% dos pesquisados. Isso vem confirmar que houve, na verdade, uma elevação da renda familiar mensal do cooperado, (**ver gráfico 4.2.5.2.**)

Gráfico 4.2.5.2 Cooperados quanto à renda média mensal.

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.2.6 Aquisição de bens de consumo pelos cooperados

Tabela 4.2.6. Distribuição de frequência quanto à aquisição de bens de consumo.

Bens de consumo	Sim		Não	
	n	%	N	%
Veículo	82	45,2	105	54,8
Trator	18	9,6	169	90,4
Telefone Residencial	27	14,4	160	85,6
Telefone Celular	100	53,4	87	46,6
Antena Parabólica	143	76,4	44	23,6
Computador	15	8,0	172	92,0
Televisor Colorido	187	100,0	-	-
Geladeira	170	90,9	17	9,1
Freezer	18	9,6	169	90,4

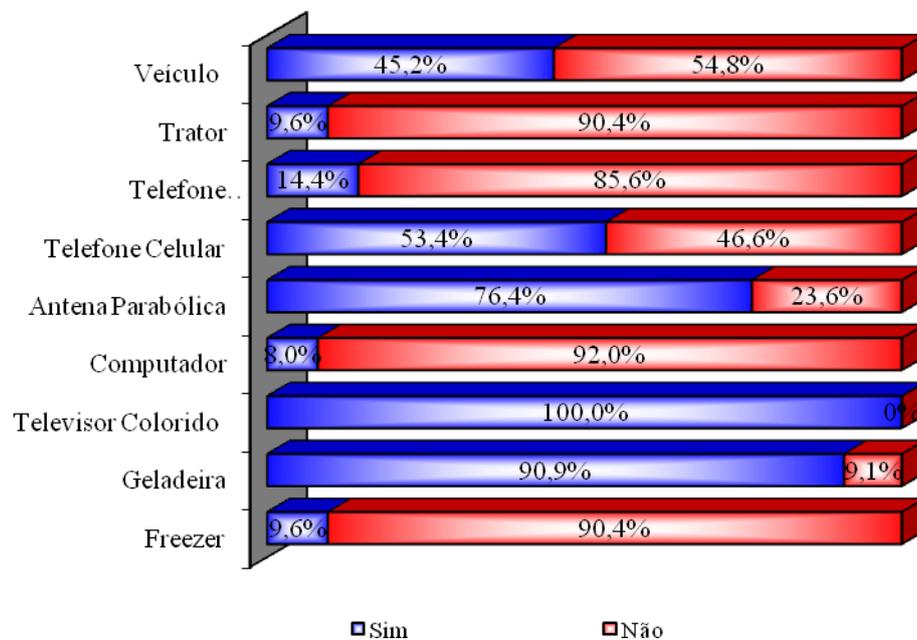
Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Observando a distribuição de frequência apresentada na tabela 4.2.6, percebe-se que: 82, ou 45,2% dos cooperados pesquisados são possuidores de veículos, que podem ser de passeio ou utilitários para uso em suas propriedades; apenas 18, ou 9,6% dispõem de trator utilizado nos serviços da propriedade; 27, ou 14,4% dos pesquisados possuem telefones em

suas residências, enquanto que 100, ou 53,4% utilizam, no dia a dia, telefones celulares; 143, ou 76,4% instalaram antenas parabólicas em suas casas de moradia; um total de 15, ou 8,0% já utiliza o computador em suas atividades diárias; e 187, ou 100% dos cooperados pesquisados mantêm em suas casas aparelhos de televisão coloridos; quase o mesmo acontece com a propriedade de geladeiras, pois 170, ou 90,9% dos pesquisados se utilizam desse eletrodoméstico. Finalmente, apenas 18, ou 9,6% usam o freezer em suas casas de moradia.

Diante disso, constata-se que uso de inovações tecnológicas, tais como: telefones celulares (53,4%), antenas parabólicas (76,4%) e computadores (8,0%) continuam aumentando o seu uso por partes dos cooperados. Nota-se, também, que a utilização de trator (9,6%) e do freezer (9,6%) ainda é muito baixa por parte dos pesquisados. Finalmente um registro especial para o uso do televisor colorido (100%) para o entretenimento diário e a geladeira (90,9%) para uso nas atividades domésticas dos cooperados pesquisados. Isso é uma característica do poder de compra e da elevação na renda familiar, (ver gráfico 4.2.6.).

Gráfico 4.2.6. Cooperados quanto à propriedade de bens de consumo.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.2.7 Ingresso na cooperativa

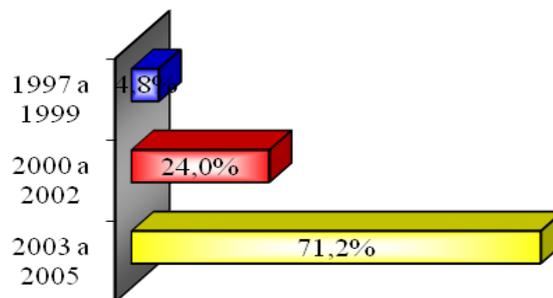
Tabela 4.2.7 Distribuição de freqüência dos cooperados quanto ao ingresso na Cooperativa

Ingresso na Cooperativa	N	%
1997 a 1999	09	4,8
2000 a 2002	45	24,0
2003 a 2005	133	71,2
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

De acordo com a Tabela 4.2.7; 09, ou seja, 4,8% dos cooperados participantes da pesquisa ingressaram na cooperativa como fundadores, no período 1997 a 1999, e 45, ou 24,0% dos cooperados ingressaram entre 2000 a 2002. 133 ou, 71,2% dos cooperados pesquisados ingressaram na cooperativa entre 2003 e 2005. Dessa forma, constata-se que a maioria dos cooperados ingressou na cooperativa muito depois de sua fundação.(ver gráfico 4.2.7.).

Gráfico 4.2.7 Cooperados quanto ao ingresso na cooperativa.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.3 ASPECTOS RELACIONADOS COM A PROPRIEDADE DOS COOPERADOS

4.3.1 Área da propriedade dos cooperados

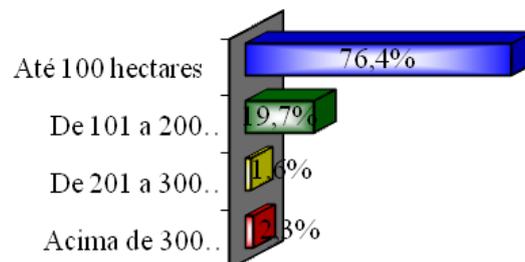
Tabela 4.3.1. Distribuição de freqüência dos cooperados quanto ao tamanho da propriedade

Tamanho da Propriedade	n	%
Até 100 hectares	143	76,4
De 101 a 200 hectares	37	19,7
De 201 a 300 hectares	03	1,6
Acima de 300 hectares	04	2,3
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Segundo a distribuição de freqüência apresentada na tabela 4.3.1, percebe-se que a maioria, 143, ou 76,4 % dos cooperados pesquisados tem propriedades com até 100 hectares; 37, ou 19,7% têm propriedades com áreas entre 101 e 200 hectares; 03, ou 1,6 % têm propriedades com áreas entre 201 e 300 hectares; e finalmente 04, ou 2,3% são possuidores de áreas de terra que ultrapassam os 300 hectares, (ver gráfico 4.3.1.).

Gráfico 4.3.1. Cooperados quanto ao tamanho da propriedade.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.3.2 Condições de posse da propriedade dos cooperados

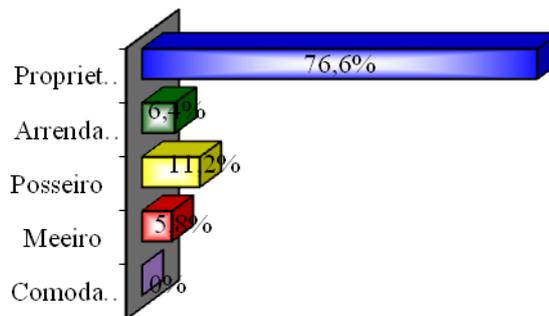
Tabela 4.3.2 Distribuição de frequência dos cooperados quanto à posse da propriedade

Posse da Terra	N	%
Proprietário	143	76,6
Arrendatário	12	6,4
Posseiro	21	11,2
Meeiro	11	5,8
Comodatário	-	-
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Conforme a distribuição de frequência apresentada na Tabela 4.2.2, 143 ou 76,6% dos cooperados pesquisados são proprietários de suas terras, 12, ou 6,4% são arrendatários; 21 ou 11,2% são posseiros; 11 ou 5,8% são meeiros. Não houve registro de nenhum pesquisado na condição de comodatário. Assim, nota-se que a grande maioria dos cooperados participantes da pesquisa, ou seja, 76,6% são proprietários, (ver gráfico 4.2.2.).

Gráfico 4.3.2. Cooperados quanto à posse da propriedade.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.3.3 Distância da propriedade em relação à cooperativa

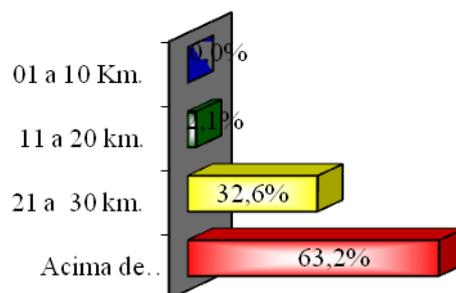
Tabela 4.3.3. Distribuição de frequência dos cooperados quanto à distância de sua propriedade em relação à cooperativa.

Distancia da Cooperativa	N	%
01 a 10 Km	04	2,1
11 a 20 km	04	2,1
21 a 30 km	61	32,6
Acima de 31 km	118	63,2
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Observando a distribuição de frequência apresentada na tabela 4.3.3, percebemos que: 04 ou 2,1% dos cooperados pesquisados possuem as suas propriedades distantes da cooperativa, entre 01 e 10 quilômetros; 04 ou 2,1% também distam as suas propriedades entre 11 e 20 quilômetros. Um total de 61, ou 32,6% dos cooperados possui suas propriedades distantes entre 21 e 30 quilômetros. A grande maioria 118 ou 63,2% dos cooperados são proprietários de terras com mais de 31 quilômetros de distância da sede da cooperativa, (ver gráfico 4.3.3.).

Gráfico 4.3.3. Cooperados quanto à distância da sua propriedade em relação à cooperativa.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.3.4. Condições de acesso à propriedade do cooperado

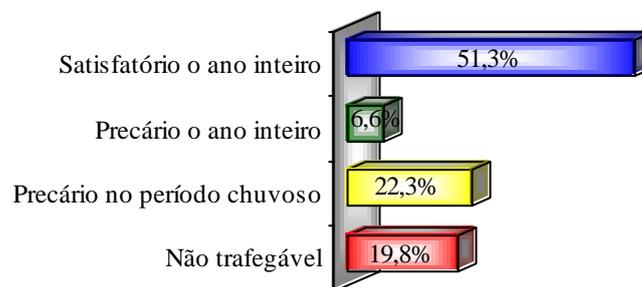
Tabela 4.3.4. Distribuição de frequência dos cooperados quanto a acesso a sua propriedade.

Acesso de sua Propriedade	n	%
Satisfatório o ano inteiro	73	39,0
Precário o ano inteiro	21	11,2
Precário no período chuvoso	77	41,1
Não trafegável	16	8,7
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

De acordo com a distribuição de frequência apresentada na tabela 4.3.4; 73, ou 39,0% dos cooperados pesquisados informaram que o acesso as suas propriedades é satisfatório durante o ano inteiro; 21, ou 11,2% informaram que é precário o acesso à propriedade; enquanto que a maioria 77, ou 41,1% declararam que é precário no período chuvoso o acesso as suas propriedades e que 16, ou 8,7% não dispõem de acesso trafegável para as suas propriedades. Mesmo havendo acesso satisfatório para uma grande parte, percebe-se que o acesso à propriedade é ainda um problema, que precisa ser solucionado para melhorar o escoamento da produção dos cooperados, (ver gráfico 4.3.4.).

Gráfico 4.3.4. Cooperados quanto a acesso a sua propriedade.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.3.5 Tipo de energia existente na propriedade do cooperado

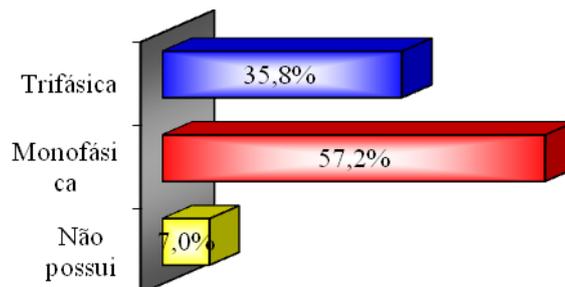
Tabela 4.3.5. Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao tipo de energia em sua propriedade.

Tipo de Energia	n	%
Trifásica	67	35,8
Monofásica	107	57,2
Não possui	13	7,0
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Segundo a distribuição de frequência apresentada na tabela 4.3.5, verifica-se que 67, ou 35,8% dos cooperados pesquisados utilizam em suas propriedades energia trifásica; 107 ou 57,2% se utilizam da energia monofásica. Já os cooperados que não possuem energia em suas propriedades foram apenas 13, ou 7,0% dos pesquisados. Assim, observa-se que a maioria dos cooperados, 174 ou 93,0% se utiliza da energia para executarem suas atividades pecuárias em sua propriedade, (ver gráfico 4.3.5.).

Gráfico 4.3.5. Cooperados quanto ao tipo de energia em sua propriedade.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.3.6 Disponibilidade de mão-de-obra na propriedade do cooperado

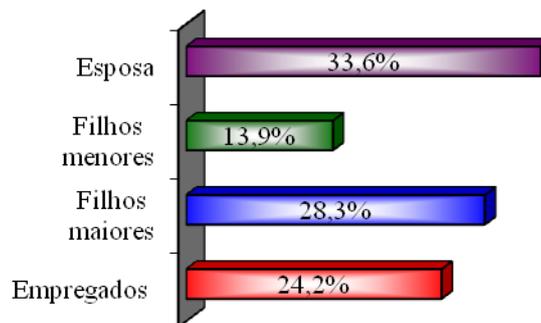
Tabela 4.3.6. Distribuição de frequência dos cooperados quanto à disponibilidade de mão-de-obra.

Disponibilidade de Mão de Obra	n	%
Esposa	63	33,6
Filhos menores	26	13,9
Filhos maiores	53	28,3
Empregados	45	24,2
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Analisando a distribuição de frequência apresentada na tabela 4.2.6, percebe-se que: 63, ou 33,6% dos cooperados pesquisados utilizam a esposa como mão de obra em suas propriedades; 26, ou 13,9% utilizam os filhos menores; 53, ou 28,3% se servem dos filhos maiores como mão de obra e finalmente 45, ou 24,2% preferem o uso de empregados, (ver gráfico 4.2.6.).

Gráfico 4.3.6. Cooperados quanto à disponibilidade de mão de obra.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.4 ASPECTOS RELACIONADOS COM A ATIVIDADE PECUÁRIA DO COOPERADO

4.4.1 Tipo de atividade pecuária

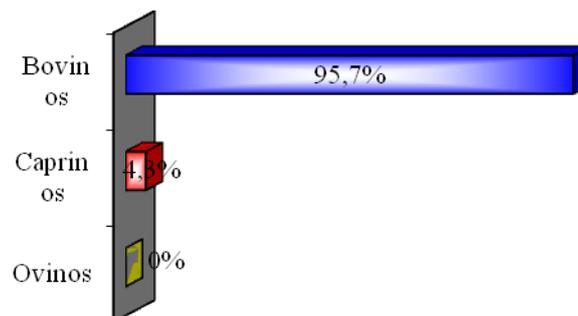
Tabela 4.4.1. Distribuição de freqüência dos cooperados quanto à sua atividade pecuária.

Atividade Pecuária	n°	%
Bovinos	179	95,7
Caprinos	08	4,3
Ovinos	-	-
Total	187	100,0

.Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Conforme a distribuição de freqüência apresentada na tabela 4.4.1; a maioria, 179 ou 95,7% dos cooperados pesquisados exerce a atividade pecuária com bovinos; apenas, 08 ou 4,3% com caprinos. A atividade com ovinos não foi constatada. Observa-se assim, que prevalece a atividade de bovinos, visto que, a cooperativa foi constituída para atender as necessidades justamente desses cooperados, (ver gráfico 4.4.1.).

Gráfico 4.4.1. Cooperados quanto à sua atividade pecuária.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.4.2 Quantidade de animais produzindo leite

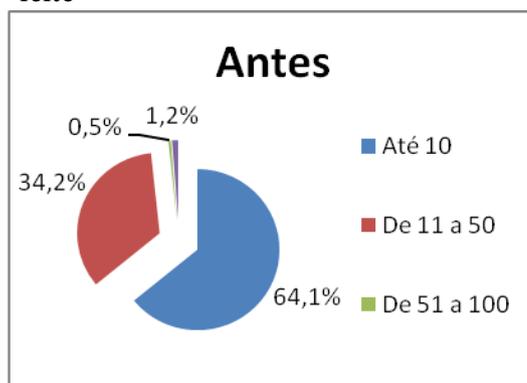
Tabela 4.4.2. Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao número de animais produzindo leite.

Quantidade de animais	Antes		Hoje	
	n	%	n	%
Até 10	120	64,1	92	49,1
De 11 a 50	64	34,2	88	47,0
De 51 a 100	01	0,5	03	1,6
Acima de 101	02	1,2	04	2,3
Total	187	100,0	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

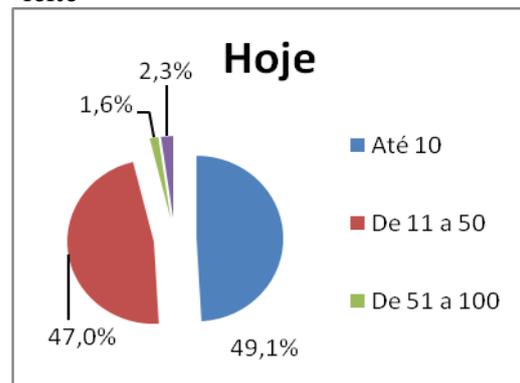
Analisando a distribuição de frequência apresentada na tabela 4.4.2, percebe-se que a maioria 120, ou 64,1% dos cooperados pesquisados possuíam, antes de ingressar na cooperativa, rebanho de até 10 animais produzindo leite; 64, ou 34,2% possuíam entre 11 e 50 animais; 01, ou 0,5% dos pesquisados possuíam entre 51 e 100 animais; No entanto, apenas 02, ou 1,2% dos pesquisados possuíam um plantel com mais de 101 animais, quando dos seus ingressos na cooperativa. Isso implica dizer que somando as duas primeiras faixas se chega à conclusão de que a grande maioria (98,3%) dos cooperados pesquisados, antes do ingresso na cooperativa, possuía plantel, entre 01 e 50 animais produzindo leite. Ver gráfico abaixo:

Gráfico.4.4.2. Nº de animais produzindo leite



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

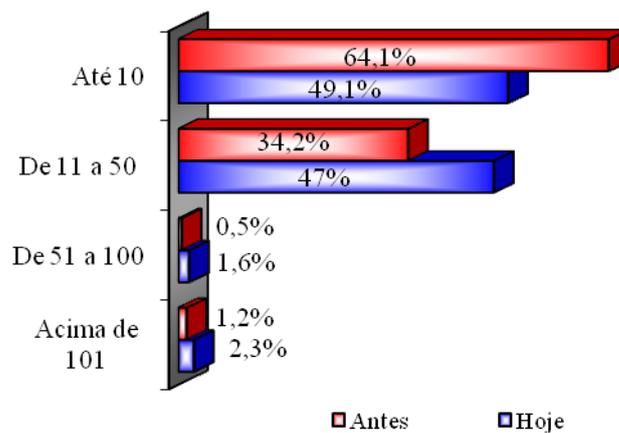
Gráfico.4.4.2.1. Nº de animais produzindo leite



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Após o ingresso, nos dias de hoje, constata-se que: 92, ou 49,1% dos cooperados pesquisados possuem até 10 animais produzindo leite; 88, ou 47,0 % possuem entre 11 e 50 animais; 03, ou 1,6% mantêm um plantel entre 51 e 100 animais e que 04, ou 2,3% já atingiram um plantel com mais de 101 animais. Diante disso, pode-se dizer que a maioria (96,1%) dos pesquisados são possuidores de plantel entre 01 e 50 animais. Apenas 03, ou 1,6% entraram na faixa de possuir 51 a 100 animais. Aumentou para 04, ou 2,3% o número de cooperados pesquisados que atingiram a faixa de acima de 101 animais produzindo leite, (ver gráfico 4.4.2.1).

Gráfico 4.4.2.2. Cooperados quanto ao número de animais produzindo leite.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.4.3 Sistema de reprodução dos animais

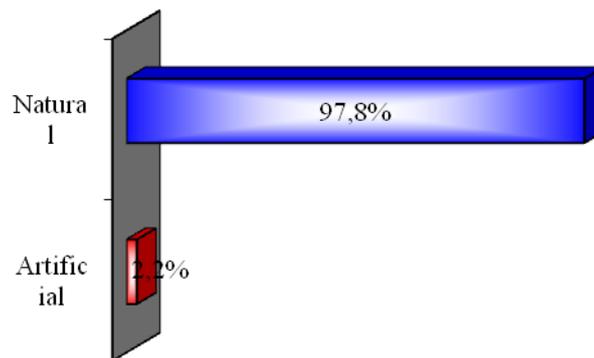
Tabela 4.4.3. Distribuição de freqüência dos cooperados quanto ao sistema de reprodução animal.

Sistema de Reprodução	n	%
Natural	183	97,8
Artificial	04	2,2
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Observando a distribuição de frequência apresentada na tabela 4.4.3, percebemos que a grande maioria 183, ou 97,8% dos cooperados pesquisados adotam o sistema natural de reprodução animal. Dessa forma, nota-se que esses (97,8%) dos pesquisados são resistentes quanto ao uso da inseminação artificial na reprodução animal, pois apenas 04, ou 2,2% é que utilizam essa forma na hora da reprodução dos seus animais, (ver gráfico 4.4.3.).

Gráfico 4.4.3. Cooperados quanto ao sistema de reprodução animal.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.4.4 Emprego de profissional na assistência técnica

Tabela 4.4.4 Distribuição de frequência dos cooperados quanto ao emprego de profissionais que prestam assistência técnica ao rebanho.

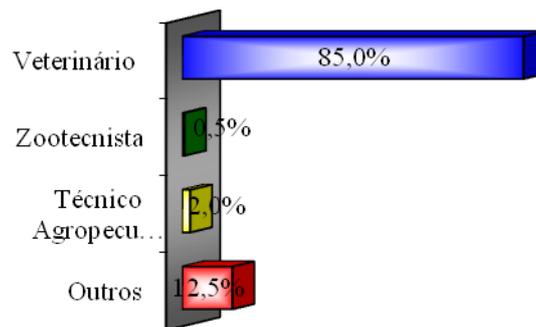
Assistência técnica ao rebanho	n	%
Veterinário	159	85,0
Zootecnista	01	0,5
Técnico Agropecuário	04	2,0
Outros	23	12,5
Total	187	100,0

.Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Segundo a distribuição de frequência apresentada na tabela 4.4.4, 159, ou 85,0% dos cooperados pesquisados utilizam profissionais veterinários na assistência técnica aos seus rebanhos; 01, ou 0,5% utiliza profissional de zootecnia; 04, ou 2,0% preferiram utilizar o técnico agropecuário para cuidar dos seus rebanhos, já 23, ou 12,5% não utiliza nenhum desses profissionais. Observa-se assim que a grande maioria dos pesquisados (85%) optaram

por manter um veterinário dando assistência técnica mais segura ao seu plantel, (ver gráfico 4.4.4.).

Gráfico 4.4.4. Cooperados quanto ao emprego de profissionais que prestam assistência técnica ao rebanho.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

4.4.5 Controle sanitário: uso de vacinação animal

Tabela 4.4.5. Distribuição de freqüência dos cooperados quanto ao número de vacinação animal feita ao ano.

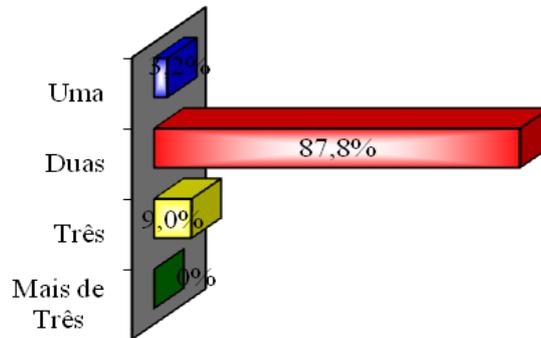
Quanto a Vacinação animal	n	%
Uma	06	3,2
Duas	164	87,8
Três	17	9,0
Mais de três	-	-
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Verifica-se pela distribuição de freqüência da tabela 4.4.5; que 06, ou apenas 3,2 % dos cooperados pesquisados realizam, anualmente, uma única vacinação no seu rebanho animal; enquanto isso, a maioria 164, ou 87,8% dos cooperados promove duas vacinações em seu rebanho; 17, ou 9,0% dos cooperados são mais cuidadosos preferindo aplicar três vacinas

ao ano em seu rebanho, ou seja, uma a mais, do número recomendado pelas autoridades da defesa sanitária animal do País, (ver gráfico 4.4.5.).

Gráfico 4.4.5 Cooperados quanto ao número de vacinação animal feita ao ano.



Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

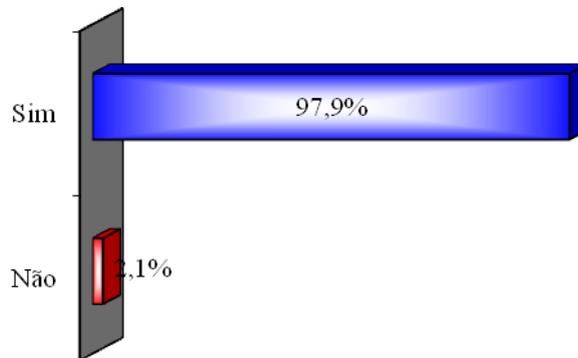
4.4.5.1 Controle sanitário: uso de exame de sangue do animal

Tabela 4.4.5.1. Distribuição de freqüência dos cooperados quanto ao uso do exame de sangue do animal.

Exame de sangue	n	%
Sim	183	97,9
Não	04	2,1
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

De acordo com a distribuição de freqüência apresentada na tabela 4.4.5.1; 183 ou 97,9% dos cooperados pesquisados realizam, periodicamente, exame de sangue em seus animais, conforme orientação da defesa sanitária animal, evitando, assim, que os seus animais possam contrair doenças contagiosas, tipo tuberculose ou brucelose, pois teriam que sacrificar os seus rebanhos. Apenas 04, ou 2,1% não fazem o exame de sangue. Observa-se que, quase a totalidade (97,9%) dos pesquisados estão conscientes da importância em realizar esse tipo de exame, pois além da proteção ao rebanho, não causará nenhum dano aos consumidores, (ver gráfico 4.4.5.1).

Gráfico 4.4.5.1 Cooperados quanto ao uso de exame de sangue do animal

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

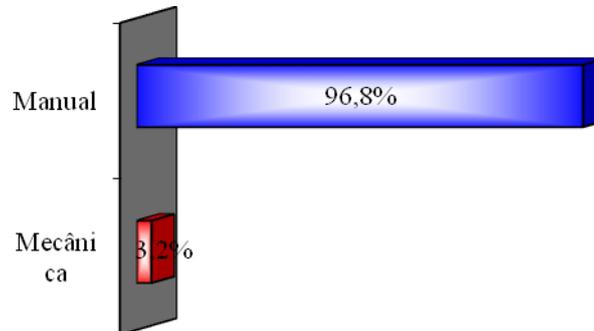
4.4.6 Processo de ordenha do leite

Tabela 4.4.6 Distribuição de freqüência dos cooperados quanto ao processo de ordenha

Processo de Ordenha	n°	%
Manual	181	96,8
Mecânica	06	3,2
Total	187	100,0

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Conforme a distribuição de freqüência apresentada na tabela 4.4.6, a maioria 181, ou 96,8% dos cooperados pesquisados ainda utilizam o processo de ordenha manual na retirada do leite em suas propriedades. Assim, constata-se que ainda é pequena a proporção de cooperados que usam o processo da ordenha mecânica, pois apenas 06, ou 3,2% utilizam essa inovação tecnológica na retirada do leite em suas propriedades, (ver gráfico 4.4.6.).

Gráfico 4.4.6. Cooperados quanto ao processo de ordenha.

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

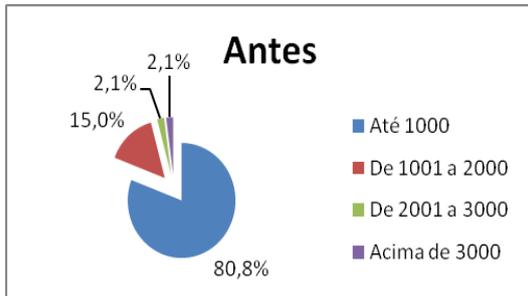
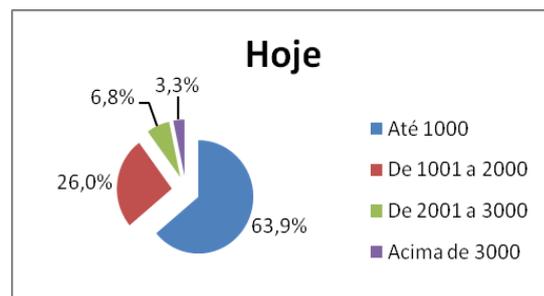
4.4.7 Produção mensal de litros de leite

Tabela 4.4.7. Distribuição de frequência dos cooperados quanto à quantidade de litros de leite entregue por mês à cooperativa.

Quantidade litros de leite	Antes		Hoje	
	n	%	n	%
Até 1000 litros	159	80,8	131	63,9
De 1001 a 2000 litros	22	15,0	41	26,0
De 2001 a 3000 litros	03	2,1	10	6,8
Acima de 3000 litros	03	2,1	05	3,3
Total	187	100,0	146	100,0

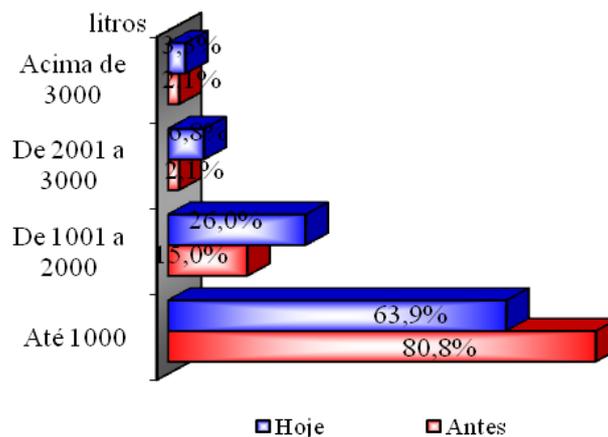
Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

Conforme a distribuição de frequência apresentada na tabela 4.4.7, os cooperados pesquisados, quando ingressaram na cooperativa, declararam que entregavam antes à cooperativa, um volume de litros de leite, que eram os seguintes: a maioria 159, ou 80,8% entregavam até 1000 litros por mês; 22, ou 15,0% entregavam entre 1001 a 2000 litros; 03, ou 2,1% entregavam entre 2001 e 3000 litros; Outros 03, ou 2,1% dos cooperados ultrapassavam a quantidade de 3000 mil litros. (Ver gráficos 4.4.7.1 e 4.4.7.2.)

Gráfico 4.4.7. litros de leite entregue**Gráfico 4.4.7.1.** litros de leite entregue

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

O volume de litros de leite entregue hoje pelo cooperado, após o seu ingresso na cooperativa, são os seguintes: 131, ou 63,9% dos cooperados entregam até 1000 litros por mês. 41, ou 26,0% entregam entre 1001 e 2000 litros; 10, ou 6,8% entregam entre 2001 e 3000 litros. Um total de 05, ou 3,3% dos cooperados ultrapassa o volume de 3000 litros, (ver o gráfico 4.4.7.2).

Gráfico 4.4.7.2. Cooperados quanto à quantidade de litros de leite entregue por mês à cooperativa.

Fonte: Pesquisa direta, agosto/2007.

:

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo descrever os diversos aspectos socioeconômicos, que influenciam no aumento da renda familiar dos cooperados da Cooperativa Agropecuária do Cariri – Coapecal.

Verificamos que o cooperativismo surgiu no século XIX, mais precisamente em 1844, com a fundação da primeira cooperativa em Rochdale, bairro de Manchester, na Inglaterra, em oposição a Revolução Industrial que, naquele momento, estava substituindo a mão-de-obra disponível pela máquina a vapor. Essa nova experiência dos trabalhadores ingleses difundiu-se para outros países, influenciando a organização de cooperativas de trabalho na França e as cooperativas de crédito na Alemanha.

Mais tarde, essas experiências foram difundidas pelo mundo inteiro e, atualmente, as cooperativas são reconhecidas legalmente como um instrumento de mudança social e gerador de emprego e renda familiar em todo o mundo.

Convém lembrar que, dada a sua característica de diversidade, as cooperativas foram organizadas nos mais diferentes setores da econômica, tanto no campo como na cidade, e que atualmente às cooperativas urbanas estão em maior expansão. É possível afirmar que em torno de qualquer problema econômico ou social, pode-se constituir uma cooperativa que, por sua vez, age na melhoria das condições de trabalho, na medida em que transformam empregados, produtores, profissionais liberais e outros em empresários os quais determinam em comum e de forma democrática as regras de atuação.

Assim, a cooperativa torna-se um importante instrumento de mudança social, à medida que atua na melhoria da promoção dos trabalhadores que, ao adquirirem o status de empresários, tornam-se autogestionários de suas próprias atividades. Esse status demanda, por parte dos cooperados, um permanente programa de capacitação e de promoção em vista de o sistema cooperativista exigir, na prática, o respeito à liberdade, à democracia, à igualdade e a solidariedade.

No que concerne à pesquisa desenvolvida junto a Cooperativa Agropecuária do Cariri – Coapecal, sobre as características socioeconômicas dos cooperados com vistas à comprovação da elevação do nível de renda familiar dos cooperados, constatou-se que:

- A maioria dos cooperados pesquisados ingressou na cooperativa entre 2000 e 2005, mas apenas 09, são considerados fundadores;
- A faixa etária predominante é a de acima de 40 anos; e que a maior parte dos mesmos não chegou a concluir o primeiro grau;
- Um número significativo optou por manter residência em suas propriedades, esses domicílios possuem entre quatro ou mais cômodos, e que são habitados em média por 01 a 06 pessoas;
- Houve um aumento considerável na elevação da renda familiar, pois foi expressivo o número de cooperados que passaram a integrar outras faixas de renda, passando a fazer parte das faixas entre R\$ 350,00 e 700,00 reais e de R\$ 701,00 a R\$ 1.050,00 reais mensal;
- Com a elevação da renda familiar, houve ampliação no poder de compras, da maior parte dos cooperados que passaram a adquirir bens de consumo, tais como: televisor colorido, geladeira, antena parabólica, telefone celular, veículos, telefone residencial, freezer, trator e computador.

Quanto aos aspectos relacionados com a propriedade dos cooperados, observou-se que:

- A maior parte cooperados pesquisados constitui-se de proprietários de terras, enquanto um número menor é composto de arrendatários, posseiros e meeiros;
- Um fato que se evidencia é que essas propriedades dos cooperados pesquisados distam acima de 31 quilômetros da sede cooperativa; e que a maior parte dessas propriedades tem um acesso precário no período chuvoso, ao contrário de uma pequena quantidade que tem acesso considerado não trafegável;
- Um número considerável dos cooperados pesquisados dispõe de energia elétrica em suas propriedades, seja ela monofásica ou trifásica; e que os mesmos utilizam a esposa, filhos maiores e empregados, como mão-de-obra na propriedade.

Por outro lado, nos aspectos relacionados com a atividade pecuária do cooperado pesquisado, constatou-se que:

- A grande maioria dos cooperados mantém a criação de bovinos de leite como a sua principal ocupação, isso confirmando ser aquela região uma expressiva bacia leiteira no Estado da Paraíba;

- Prevalece hoje, entre o maior número de cooperados, a posse de rebanho de 01 a 50 animais produzindo leite;
- O sistema de reprodução animal adotado por quase todos é ainda o tradicional de monta natural, e que o uso da inseminação artificial ainda tem encontrado forte resistência junto aos cooperados;
- O emprego de veterinários, por parte dos cooperados em suas propriedades, prevalece, em relação aos demais profissionais, que são utilizados para dar assistência técnica aos seus rebanhos;
- O cuidado com o controle sanitário animal pelos cooperados é bastante evidente, especialmente quando se registra que é muito acentuado o uso da vacinação animal e dos exames de sangue em todos os animais do rebanho, evitando, assim, o surgimento de doenças como a tuberculose e a brucelose;
- Apesar do avanço tecnológico com a existência da ordenha mecânica, é muito forte ainda junto aos cooperados, o uso da ordenha manual na retirada do leite em suas propriedades;
- O aumento na produção de leite, atualmente, ficou bastante caracterizado pelo número de cooperados que atingiram a faixa entre 01 e 1000 litros de leite/mês. No entanto, o número de cooperados que passou a fornecer até 2000 litros/mês de leite cresceu bastante em relação ao período em que eles não faziam parte da cooperativa;

Os resultados obtidos neste estudo permitirão o fornecimento de informações que poderão ser aprofundadas e servir para o planejamento e execução de outras pesquisas com atividades relacionadas com a prática do cooperativismo, não só agropecuário mais de qualquer um outro ramo, onde os cooperados tenham as reais condições de ter comprovada a elevação de sua renda familiar.

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, B.M.B. **Mercado de trabalho rural, estado e cooperativismo**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas/USP. 1987.
- BANCO NACIONAL DE CRÉDITO COOPERATIVO. **Planejamento e Organização de cooperativas**. Brasília: Coleção BNCC. s/d.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de e LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BARROS, José Mendonça de. **O Brasil e o novo cenário internacional**. Brasília: Revista de economia e sociologia rural. v. 31. 1993.
- BENATO, João Vitorino Azolin. **O ABC do Cooperativismo**. 3. ed. São Paulo: ICA, 1996.
- _____. **Cooperativismo, encontros e desencontros**, 3. ed. São Paulo: ICA, 1996.
- _____. **A Arte de fiscalizar cooperativa**. Curitiba: OCEPAR, 1986.
- BENECKE, D.W. **Cooperação e Desenvolvimento: o papel das cooperativas no processo de desenvolvimento econômico nos países do terceiro mundo**. Porto Alegre: Coojornal; Recife: Assocene, 1980.
- BERVIAN, Pedro A. / CERVO, Amado. **Metodologia de Pesquisa**, São Paulo: Prentice Hall do Brasil, 2002.
- BOETTCHER, E. (Coordenador). **Problemas de direção em cooperativas**. Co-edição ASSOCENE, tradução de Kurt Jahn, Florianópolis: UFSC/Assocene, 1983.
- BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disp. em <http://www.ibge.gov.br>. Acessado em 06/07/2007.
- BRASIL, **Leis, Decretos. Lei cooperativista n. 5.764 de 16/12/1971**. Brasília: Incra, 1971.
- BULGARELLI, Waldirio. **O Kibutz e as cooperativas integrais**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Estudos Cooperativos. 3. ed. Livraria Pioneira Editora, 1996.
- CÁRIO, Silvio F. **Estudo sobre o controle e a participação numa Cooperativa do 2º. Grau em Santa Catarina**. São Leopoldo: In. Revista Perspectiva Econômica. Série Cooperativismo. N. 5. 1985.
- CERVO, Amando Luiz. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma Tese**. 15. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Enciclopédia Britannica do Brasil Publicações Ltda. 1997.

FERRINHO, Homero Martins. **Cooperativas e desenvolvimento rural** (Tese de Doutorado). São Paulo. 1972. Dissertação (Doutorado) Faculdade de Economia e Administração, da Universidade de São Paulo.

FRANKE, W. **Doutrina e aplicação do direito cooperativo**. Porto Alegre: 1973.

FRANTZ, Telmo Rudi. **Cooperativismo empresarial e Desenvolvimento Agrícola - O caso da Cotrijuí**. Ijuí: COTRIJUÍ/FIDENE, 1982.

GIL, Antonio Carlos. **Gestão de Pessoas**. São Paulo: Atlas, 2001.

GOLDEMBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2000**. Brasília; 2000.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos./ 2. ed. (ano 2003), 4 tir. / Curitiba: Juruá, 2006. 96p.

LAUSCHNER, Roque. **Agroindústria Cooperativa**. In: PINHO, D. B. São Paulo: org. Manual de Cooperativismo. CNPq, v. 4, 1984.

_____, Roque. Perspectiva Econômica- ano XVII- vol. 12 - no. 36 - série cooperativismo no. 9 - São Leopoldo. UNISINOS 1982.

LAILAW, A.F. **As Cooperativas no ano 2000**. Coleção Ato Cooperativo no. 1 – Belo Horizonte: OCEMG, 1999.

LAFLAMME, M. **Gestão Moderna de Cooperativas**. Bogotá: Fundo Nacional Universitário, 1990.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Maria de A. **Metodologia do Trabalho Científico. Procedimentos Básicos**: pesquisa bibliográfica, projeto e relatório; publicações de trabalhos científicos . 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

_____, Eva Maria e MARCONI, Maria de A. **Técnicas de Pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1990.

LAMARCHE, Hugues. (Coord.). Tradução: Ângela Maria Naoko Tijina. **A Agricultura Familiar**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. (Coleção Repertórios).

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A Construção do Saber. Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artmed/UFMG, 1999.

KOCHE, José Carlos. **Fundamentos da metodologia científica**. 3 ed. Caxias do Sul, UCS; Porto Alegre, EST, 1979.

MAIA, Isa. **Cooperativa e prática democrática**. São Paulo: Cortês, 1985.

MATTAR, Fauze Nazlo. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Edição Compactada, Atlas, 1996.

Mc INTYRE, Jimmy Peixe & SILVA, Emanuel Sampaio. **Viabilidade do Negócio Cooperativo**. Recife: SEBRAE/PE, 2002.

_____. **Como Formar e Gerir um Empreendimento Cooperativo**. Recife: SEBRAE/PE, 2002.

_____. **Marketing Aplicado à Cooperativa**. Recife: SEBRAE/PE, 2002.

_____. **Planejamento Estratégico e Operacional de Cooperativa**. Recife: SEBRAE/PE, 2002.

Mini Aurélio. Século XX. **O Mini-dicionário da Língua Portuguesa**, 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MORAES, Maria Oliveira de, **Relação de gênero e poder: estudo comparativo de tipologia da cultura organizacional em duas universidades públicas**. Campina Grande: (Dissertação). Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Sociedade Universidade Estadual da Paraíba. 2006.

OLIVEIRA, Nestor Braz, **Guia Prático do Cooperativismo**, 2.ed. Porto Alegre: Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul, 1984.

OLIVEIRA, Djalma de Pino Rebouças de. **Manual de Gestão das Cooperativas. Uma Abordagem Prática**. São Paulo: Atlas, 2001.

Organização das Cooperativas Brasileiras. **Curso Básico de Cooperativismo**. Brasília: OCB, 1995.

_____. **Manual de Orientação para a Constituição e Registro de Cooperativas**, 8.ed. Brasília: Sescop, 2003.

_____. **Cooperativismo. Primeiras Lições**. Brasília: 2006.

_____. **Cooperativismo Brasileiro**, Brasília: 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DA PARAÍBA - OCEPB. **A Força do Terceiro Milênio**. João Pessoa: OCEPB, 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DA PARANÁ-OCEPAR, **Novas Propostas Cooperativistas**. Curitiba: Departamento de Autogestão, 1994.

PANZUTTI, R. **Estratégias de Financiamento das Cooperativas Agrícolas no Estado de São Paulo. Caso da Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlandia**. São Paulo: ICA. 1997, (Série Estudo e Pesquisa 1/97).

PASQUALI, Luiz (Org.), **Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração**. Brasília: LabPAM/IBAPP, 1999.

POLONIO, Wilsom Alves. **Manual das Sociedades Cooperativas**, 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

QUINN, R. E; KIMBERLY, J.R. **The management of transitions**. In.: J.R. Kimberly. R.E. Quinn. (Eds) new future, The Challenge of Transition Management. New York: Dow Jones-Irwin, 1984.

PIMENTEL, Renato. **Princípios Cooperativistas**. 2. ed. Brasília: INCRA, s.d.

PINHO, Diva Benevides. **Economia e Cooperativismo**. São Paulo, Saraiva,1977.

_____. **B. O Pensamento Cooperativo e o Cooperativismo Brasileiro**. São Paulo: Brascoop, 1982.

_____. **A Empresa cooperativa: análise social, financeira e contábil**. São Paulo: Coopercultura, 1986.

_____. **A Doutrina Cooperativa nos Regimes Capitalista e Socialista**. 2. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1995.

_____. **Concentração de Cooperativas: das fusões e incorporações ao controle acionário**. Curitiba: ASSOCEPE, 1997.

PINHO, Carlos Marques, **Artigo. Manual de Cooperativismo**. Vol. II. Bases Operacionais do Cooperativismo. São Paulo: CNPQ. 1982.

RICCIARDI, Luiz. **Cooperativismo ma solução para os problemas atuais**. 2. ed. Vitória: OCEES. 1996.

RICHARDSON, Roberto Jerry e Colaboradores. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**, São Paulo: Atlas, 1985.

RIOS, Gilvando Sá Leitão. **O Que é Cooperativismo**. Coleção Primeiros Passos, 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense,1989.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao Projeto de Pesquisa**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTOS, Agostinho. **Manual do dirigente cooperativista**. João Pessoa: SESCOOP – Pb. 2000

SCHNEIDER, José Odelso. **Perspectiva Econômica – ano XVIII – vol. 12 no. 38 – série cooperativismo**. No. 10 – São Leopoldo: UNISINOS .1982.

SEBRAE, **Pacto Novo Cariri. Projeto de Desenvolvimento Regional Integrado e Sustentável do Cariri Paraibano**. João Pessoa: Sebrae, 2005.

_____,Revista. No. 7. Novembro/ Dezembro. Brasília: Sebrae, 2002.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas. 1987.

VALADARES, José Horta. **Cooperativismo & Associativismo. No Mundo em Transformação**. Belo Horizonte: Sebrae-MG, 1999.

VEIGA, José Eli da. **O Desenvolvimento Agrícola: Uma Visão Histórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: HUCITEC, 1991. (Estudos Rurais, 11).

VERGARA, Silvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2003.

WIKIPEDIA. Disp. em http://pt.wikipedia.org/wiki/amostra.página_1. acessado em 06.08.2007.. Acessado em 05/06/2007.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

APÊNDICE A

Eu, Raimundo Cavalcante Rodrigues, peço a gentileza de responder o presente questionário que faz parte de uma pesquisa intitulada “Cooperativismo: uma alternativa viável para elevação da renda familiar na microrregião do cariri oriental paraibano”, agradecendo desde já a sua colaboração.

QUESTIONÁRIO

Público alvo: Produtores Rurais, associados à Cooperativa Agropecuária do Cariri Ltda. – Coapecal.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar como a constituição da Cooperativa Agropecuária do Cariri Ltda. contribuiu para a elevação da renda familiar, dos produtores de leite da microrregião do cariri paraibano.

O resultado desta pesquisa, que está sendo orientada pela professora doutora Aurí Donato da Costa Cunha, servirá como importante recurso para a dissertação de Mestrado do professor Raimundo Cavalcante Rodrigues.

Sua colaboração é indispensável para que o produto desta pesquisa seja um retrato fiel da ação da Coapecal objetivando a elevação da renda familiar de seus cooperados.

APÊNDICE B – Modelo de questionário

- 01) Em que ano ingressou na cooperativa?
 1997 1998 1999
 2000 2001 2002
 2003 2004 2005
- 02) Condições de posse da terra do cooperado (a)?
 Proprietário
 Arrendatário
 Posseiro
 Meeiro
 Comodatário
- 03) Atividade pecuária do cooperado (a)?
 Bovinos
 Caprinos
 Ovinos
- 04) Tamanho da propriedade do cooperado (a)?
 Até 100 hectares
 De 101 a 200 hectares
 De 201 a 300 hectares
 De 301 a 400 hectares
 De 401 a 500 hectares
 Acima de 500 hectares
- 05) Qual a distância de sua propriedade para a Cooperativa?
 1 a 10 km
 11 a 20 km
 21 a 30 km
 31 a 40 km
 41 a 50 km
 Acima de 51
- 06) Disponibilidade de mão de obra na propriedade. ?
 Esposa
 Filhos menores
 Filhos maiores
 Empregados
- 07) Tipo de energia em sua propriedade. ?
 Trifásica
 Monofásica
 não possui

08) Litros de Leite entregue na Cooperativa por mês?

- | <u>Antes</u> | <u>Hoje</u> |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> até 1000 litros | <input type="checkbox"/> até 1000 litros |
| <input type="checkbox"/> de 1001 a 2000 litros | <input type="checkbox"/> de 1001 a 2000 litros |
| <input type="checkbox"/> de 2001 a 3000 litros | <input type="checkbox"/> de 2001 a 3000 litros |
| <input type="checkbox"/> Acima de 3000 litros | <input type="checkbox"/> Acima de 3000 litros |

09) O processo de ordenha é?

- Manual
 Mecânica

10) A Sanidade animal (Vacinas) é feita quantas vezes por ano?

- Uma
 Duas
 Três

11) Quanto ao sistema de reprodução ela é ?

- Natural
 Artificial

12) O Exame de Sangue do animal é feito ?

- Sim
 Não

13) Que profissionais prestam assistência técnica ao rebanho?

- Veterinário
 Zootecnista
 Técnico Agropecuário
 Outros

14) Quantidade de animais produzindo leite?

- | <u>Antes</u> | <u>Hoje</u> |
|---------------------------------------|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> até 10 | <input type="checkbox"/> até 10 |
| <input type="checkbox"/> de 11 a 50 | <input type="checkbox"/> de 11 a 50 |
| <input type="checkbox"/> de 51 a 100 | <input type="checkbox"/> de 51 a 100 |
| <input type="checkbox"/> Acima de 101 | <input type="checkbox"/> cima de 101 |

15) Renda Média Mensal é de?

- | <u>Antes</u> | <u>Hoje</u> |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Menos de R\$ 350,00 | <input type="checkbox"/> Menos de R\$ 350,00 |
| <input type="checkbox"/> De R\$ 351,00 a 700,00 | <input type="checkbox"/> De R\$ 351,00 a 700,00 |
| <input type="checkbox"/> De R\$ 701,00 a 1.050,00 | <input type="checkbox"/> De R\$ 701,00 a 1.050,00 |
| <input type="checkbox"/> Acima de R\$ 1.000,00 | <input type="checkbox"/> Acima de R\$ 1.050,00 |

16) Grau de instrução do cooperado (a)?

- Não alfabetizado
- Primeiro grau incompleto
- Primeiro grau completo
- Segundo grau incompleto
- Segundo grau completo
- Terceiro grau incompleto
- Terceiro grau completo

17) Faixa Etária do cooperado (a)?

- 20 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos
- Acima de 50 anos

18) Local de residência do cooperado (a) ?

- Em sua propriedade rural
- Em local próximo
- Em outro município

19) Número de cômodos na casa de morada?

- Um
- Dois
- Três
- Quatro ou mais

20) O acesso de sua propriedade é?

- Satisfatório o ano inteiro
- Precário o ano inteiro
- Precário no período chuvoso
- Não trafegável

21) Número de pessoas morando com a família.?

- 1 a 3
- 4 a 6
- 7 a 10

22) O senhor (a) é proprietário (a) de:

- | | | |
|----------------------|------------------------------|------------------------------|
| Veículo | <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
| Trator | <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
| Telefone Residencial | <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
| Telefone Celular | <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
| Antena Parabólica | <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
| Computador | <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
| Televisor Colorido | <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
| Geladeira | <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
| Freezer | <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |